

Posse de Decotelli

é suspensa devido a currículo fantasma

HORA DO POVO

ANO XXX - Nº 3.7631 a 7 de Julho de 2020

★

★

★

★

★

Reprodução - Facebook



Pasta da Educação está destruída após Vélez e Weintraub

A posse do ministro da Educação anunciado por Bolsonaro, Carlos Alberto Decotelli, foi adiada na segunda-feira, 29/06. A cerimônia estava marcada para a terça, 30/06, mas o currículo acadêmico do ministro, desde o anúncio de sua nomeação, parece uma feira de inconsistências – para usar um termo delicado. A última foi comunicada em nota pela Universidade de Wuppertal, na Alemanha, onde, segundo o currículo de Decotelli, ele teria obtido um “pós-doutorado”. Não era verdade: “Ele não foi um pós-doc em nossa universidade”. **P 3**

1

REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Divulgação PCdoB



“Fim precoce do auxílio emergencial pode jogar o país no caos”
“Segundo a posição do Bolsonaro, ele [o auxílio emergencial de R\$ 600,00] será desativado no momento em que a economia estará mais fragilizada. Recentemente, o FMI chegou a prognosticar a queda do PIB de 9%. Então, isto é uma brutal insensibilidade, é uma desumanidade. O fim precoce do auxílio emergencial pode jogar o Brasil no caos social”, afirmou o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB). **Página 2**

Biden vence bem em 6 estados que deram presidência a Trump em 2016
Michigan, Wisconsin, Pensilvânia, Flórida, Arizona e Carolina do Norte dão às costas ao racista bilionário. **Pág. 7**

A nova versão do “Anjo” é que ele não deixou que matassem Queiroz

AFP



Ato em Brasília contra o pouco caso federal colocou mil cruzes na Esplanada

Covid: mais de 500 mil mortes no mundo, 58 mil no Brasil

Já são 500 mil os mortos por Covid-19 no mundo, anunciou no domingo (28) o centro de monitoramento da Universidade Johns Hopkins, enquanto o total de casos – pessoas infectadas – chegou a 10 milhões. O Brasil é o segundo lugar em total de mortes pelo coronavírus, ultrapassando na segunda-feira os 58 mil mortos. O maior número de vítimas fatais está nos EUA, com 125 mil. A China, onde primeiro foi detectada a Covid-19, tem 4,6 mil mortes pela doença. **Página 3**

Prefeitura de São Paulo - Fotos Públicas



O advogado Frederick Wassef, que escondeu Fabrício Queiroz por mais de um ano em sua casa no município de Atibaia, no interior de SP, apareceu agora com uma nova versão, a de que acoitou Queiroz porque ele estava jurado de morte por “forças ocultas”. Antes ele dizia que não sabia onde Queiroz estava, que não o conhecia e que não tinha a menor ideia do que ele estava fazendo em sua casa quando foi preso. Passaram-se alguns dias, e ele agora surgiu com essa história das “forças ocultas” que

querem matar Queiroz para, segundo ele, “tentar comprometer o presidente”. “Naquele momento, meu entendimento é que eu queria evitar que Fabrício Queiroz fosse executado em uma simulação qualquer ou mesmo que sumissem com o seu cadáver”, disse Wassef. Foi Wassef também que preparou a reunião da mulher de Queiroz e do advogado de Flávio, Luiz Gustavo Boto Maia, com a mãe de Adriano da Nóbrega dois meses antes da morte do miliciano. **Página 3**

Sem Moro, “Direitos Já!” vira frente quase ampla

Na sexta-feira (26), o movimento “Direitos Já” reuniu virtualmente um número importante de pessoas num ato pela democracia e em defesa da Constituição. Várias personalidades da sociedade, mas enfrentou alguns problemas. Na véspera, correu no meio político a informação de que teria havido um veto por

parte de Boulos (PSOL) ao convite para Moro. Qualquer frente contra o golpismo e pela democracia não será ampla de verdade se não abranger o ex-ministro, que rompeu com o governo por não aceitar a escalada que incluía a manipulação direta da PF para acobertar crimes e perseguir desafetos. **Página 3**

“Falta uma testagem de Covid-19 que permita o rastreio dos casos”, afirma reitor da Federal de Pelotas

O reitor da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, coordenador do maior estudo epidemiológico sobre Covid-19 no Brasil, afirmou que “a prioridade

número um é que possamos pegar cada positivo e rastrear os cinco ou dez contatos mais próximos dessa pessoa para poder bloquear a transmissão do vírus”. **Página 4**

Hospital Pacaembu será encerrado após a redução de casos

A prefeitura de São Paulo encerrou as atividades do Hospital de Campanha do estádio do Pacaembu na segunda-feira (30), pela redução no número de internações. O hospital estava

destinado a internações consideradas de baixo risco. Na manhã da sexta-feira, o HCamp Pacaembu - que atendeu 1212 pacientes - possuía apenas 11 pessoas internadas. **P 4**

Brasil estava em recessão antes da pandemia, diz FGV

O Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE) da Fundação Getúlio Vargas, reunido em 26 de junho de 2020, diz que o país entrou em recessão a partir do primeiro trimestre de 2020.

Criado em 2004 com a finalidade de “determinar uma cronologia de referência para os ciclos econômicos brasileiros”, o comitê também realizou a datação mensal da maior recessão da história do país: “ao identificar um pico em março de 2014 e um vale em dezembro de 2016. Isso significa que a recessão teria durado 33 meses, entre abril de 2014 e dezembro de 2016”.

O comitê considerou que houve um “pico no ciclo de negócios brasileiro no quarto trimestre de 2019”. “O pico representa o fim de uma expansão econômica que durou 12 trimestres - entre o primeiro trimestre de 2017 e o quarto de 2019”, diz o comitê.

Após a grande recessão, a economia brasileira ficou estagnada, com o crescimento em torno de 1%, sendo que no primeiro ano do governo Bolsonaro o Produto Interno Bruto foi ainda menor do que os dois anos anteriores: em 2019 cresceu (1,1%) e em 2018 e 2017 (1,3%).

O último trimestre de 2019 foi desastroso e lançou por terra toda a campanha de “recuperação” da economia. Só em dezembro, a produção industrial caiu 0,7% e fechou o ano recuando -1,1%, o comércio varejista (-0,1%) e o setor de serviços (-0,4%). O emprego informal bateu recorde atingindo 38,4 milhões de pessoas em 2019, o maior contingente desde 2016, segundo o IBGE. E 12,6 milhões de trabalhadores estavam desempregados no apagar das luzes do ano passado. E ainda nem se falava em Covid-19.

Segundo o IBGE, o PIB recuou 1,5% no primeiro trimestre de 2020, na comparação com o quarto trimestre de 2019.

Foto: Divulgação



“Essa é a prova de que eles nunca quiseram os R\$ 600”, afirma Dino

Foto: Youtube



Para Guedes, ideia de Bolsonaro de acabar com renda “é espetacular”

Auxílio de R\$ 600 deve ser prorrogado, defendem parlamentares e economistas

O anúncio feito por Bolsonaro de que estuda reduzir progressivamente o valor do auxílio emergencial nos próximos três meses foi amplamente criticada por parlamentares e economistas.

O projeto lei aprovado por iniciativa da Câmara dos Deputados ampliou o auxílio proposto pelo governo de apenas R\$ 200 para um valor mensal de R\$ 600, para desempregados e trabalhadores informais com o objetivo de amortecer a perda de renda consequente à pandemia do novo coronavírus.

Sob a justificativa de que não há recursos, o governo federal ameaçou não renovar o auxílio, o que, pela lei, pode ser feito pelo mesmo valor por mais três meses, e chegou a propor o seu corte pela metade – ainda que não haja redução das taxas de contágio e a previsão é que em 2020 o Brasil amargue uma profunda recessão que vitimizará, sobretudo, aqueles que não têm renda.

“Não prorrogar o auxílio emergencial, e em R\$ 600, significa empurrar milhões de brasileiros para as ruas e para a doença. A economia certamente não se beneficiará com mais medo e mais mortes. Nunca é demais lembrar que o auxílio mantém aquecido o comércio de bens e serviços básicos, e que parte do gasto volta ao Estado na forma de arrecadação”, afirmou o senador Rodrigo Cunha (PSDB-AL). Ele é autor do PL PL 3.426/2020, que prevê a extensão do benefício até o final do ano mantendo o valor atual.

Bolsonaro anunciou na semana passada ao lado do ministro da Economia Paulo Guedes, que a previsão é pagar em três parcelas R\$ 500, R\$ 400 e R\$ 300, mas nem isso ele garantiu.

“É por isso que vamos lutar! Manter os R\$ 600 do Auxílio Emergencial e estender o pagamento até o fim do estado de calamidade ajuda não só o povo, como

também a economia. O governo Bolsonaro, porém, parece estar preso a saídas econômicas ultrapassadas”, afirmou o deputado Alesandro Molon (PSB-RJ) em sua conta no Twitter.

“Nossa atuação rápida evitará que milhões de pessoas entrem na miséria ao longo dos próximos meses e dará tempo para que elas se reintegrem ao mercado de trabalho”, destaca o deputado federal João Campos (PSB-PE), um dos autores do PL 3503/2020, que prevê o pagamento do auxílio até o fim do ano e apresenta propostas de um projeto de Renda Básica, já assinado por 46 parlamentares.

“A prioridade é a gente salvar vidas. E não tem como salvar vidas sem um isolamento social. E as pessoas mais carente e vulneráveis desse país não vão fazer o isolamento social se não houver uma proteção a essa população por parte do Estado brasileiro”, defende a senadora Zenaide Maia (Pros-RN).

“Qual o sentido de regatear com o desespero dos mais vulneráveis com essa nova proposta de redução escalonada do auxílio emergencial?”, questionou o senador Jean-Paul Prates (PT-RN) em artigo publicado nesta semana. “Quando aprovamos o auxílio, o prazo de três meses já era muito curto diante das consequências econômicas que prevíamos”, acrescentou.

José Luis Oreiro, professor de Economia da Universidade de Brasília (UnB), também defende a manutenção dos R\$ 600 e afirma que reduzir esse valor é empurrar os brasileiros para uma “carnificina”.

“Não há possibilidade de reduzir o auxílio em um momento em que as curvas de casos e de mortes estão ascendentes. E empurrar a população para uma carnificina sem precedentes”, disse Oreiro.

Fernando de Aquino, coordenador da Comissão de Política Econômica do

Conselho Federal de Economia (Cofecon), sustenta que, com o desemprego alto e a pandemia ainda crescente, a renovação deveria ser por mais três meses de R\$ 600. “O governo tem espaço para se endividar mais, o mundo inteiro está se endividando, é uma conjuntura extraordinária”, afirmou para reportagem do Correio Braziliense.

Outro argumento importante pela prorrogação do auxílio, é que o custo de cortar ou não pagar será muito maior – inclusive para a economia. O próprio presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), defende a extensão, por pelo menos dois meses, do pagamento dos R\$ 600 dizendo que a conta que deve ser feita é do prejuízo de deixar milhões de brasileiros sem renda.

“A gente sabe que tem um custo, mas custo maior é não renovar. A gente sempre faz a pergunta de quanto custa renovar. A gente tem que fazer outra pergunta. ‘Quanto custa não renovar para milhões de brasileiros que da noite para o dia ficaram sem renda e continuarão sem renda nos próximos meses?’”, questionou Maia, em coletiva.

Nesse sentido, o Núcleo de Estudos em Modelagem Econômica e Ambiental Aplicada do Cedeplar da UFMG realizou estudo que contrariam a equipe econômica e Jair Bolsonaro.

“O auxílio tem impacto sobre as contas públicas porque quando a atividade econômica cai o governo arrecada menos, e quanto mais houver consumo as empresas pagam mais impostos. Ou seja, quanto mais tempo o auxílio for pago, mais vantagens será para a economia brasileira”, afirmou Débora Freire, economista do Cedeplar, justificando que ao deixar as famílias sem renda, ou com uma renda inferior, haveria queda de consumo e por consequência, o aprofundamento da recessão.

“Fim precoce do auxílio de R\$ 600 seria um caos”, afirma Flávio Dino

“O fim precoce do auxílio emergencial pode jogar o Brasil no caos social. Eu espero que, mais uma vez, o Congresso Nacional atue e evite esse equívoco do Bolsonaro”, defende o governador do Maranhão

O governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), afirmou que a proposta de redução do auxílio emergencial de R\$ 600 concedido a trabalhadores informais e desempregados para amortecer os impactos econômicos da pandemia e isolamento social, feita por Bolsonaro, “é uma desumanidade”.

“Ora, o que nós temos é uma contradição gravíssima na medida em que os indicadores econômicos agora estão se degradando com mais velocidade. No momento em que há desemprego, em que, infelizmente, se verifica a desorganização de cadeias de oferta e demanda com a quebra de empresas, é que o auxílio emergencial se faz mais necessário”, afirmou o governador em entrevista ao Uol.

De acordo com o governador, a proposta de reduzir progressivamente o auxílio em três parcelas de R\$ 500, R\$ 400 e R\$ 300 – conforme indicado em live por Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, na semana passada, “é a prova de que eles nunca quiseram os R\$ 600”.

A princípio, o governo havia proposto um vale de R\$ 200 como medida emergencial. O valor atual foi aprovado por decisão da Câmara dos Deputados.

“Ao propor esse cronograma acelerado de fim do auxílio emergencial, fica mais uma vez evidenciado que, assim como o apoio aos Estados e municípios derivou de uma decisão do Congresso Nacional, do mesmo o modo auxílio emergencial só existiu em razão da posição dos deputados federais e senadores”, enfatizou Flávio Dino.

“Segundo a posição do Bolsonaro, ele será desativado no momento em que a economia estará mais fragilizada. Recentemente, o FMI [Fundo Monetário Internacional] chegou a prognosticar a queda do PIB de 9%. Então, isto é uma brutal insensibilidade, é uma desumanidade. O fim precoce do auxílio emergencial pode jogar o Brasil no caos social. Eu espero que, mais uma vez, o Congresso Nacional atue e evite esse equívoco do Bolsonaro”, disse.

Dino, assim como diversos economistas e parlamentares, acreditam que o valor de R\$ 600, além de “socialmente justo” é “economicamente inteligente, pois garante o poder aquisitivo da população para ativar a economia”.

Estudos recentes, relacionam a prorrogação do auxílio até o final do ano e um potencial de reduzir a retração do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

33% das famílias estão com dívidas em atraso, diz Ibge/FGV

Pelo menos um terço das famílias brasileiras tem dívidas em atraso, apontou a Sondagem do Consumidor de junho do Ibge/FGV. Nas famílias mais pobres (com renda total de até um salário mínimo e meio) o percentual é ainda maior: 44,5%.

A pesquisa apurou o nível de endividamento e inadimplência sob os efeitos da Covid-19, além de um diagnóstico da efetividade das medidas de socorro do governo.

Na média de todas as faixas de renda, 72,1% dos consultados disseram que estão ou tem algum familiar no mesmo domicílio que ficou inadimplente depois da pandemia.

O auxílio emergencial é citado pela FGV como importante medida de manutenção de alguma renda para aqueles que perderam os seus empregos ou para os informais que ficaram sem atividade por conta das medidas de isolamento. Mas os R\$ 600 pagos em três parcelas são direcionados para a compra de alimentos e contas básicas. As dívidas ficam em segundo plano.

De acordo com Viviane Seda, coordenadora da pesquisa pelo Ibge, o auxílio amenizou a perda de renda, mas haverá necessariamente um crescimento na inadimplência daqui para frente, ainda que as medidas restritivas estejam sendo afrouxadas em alguns estados. Isso também tem impacto direto sobre o consumo. “Vai haver um aumento de inadimplência no curto prazo, o que dificulta o retorno das famílias ao consumo. Essa recuperação vai ser muito mais lenta”, disse.

A perda de emprego de um membro da família é o principal motivo que provocou o atraso no pagamento de dívidas, apontado por 33,1% dos inadimplentes.

De acordo com o IBGE, menos da metade (49,7%) dos brasileiros estavam empregados em maio. Por outro lado, 11,6 milhões dos empregados tiveram perda de renda devido a Medida Provisória 936, que permitiu a redução de jornada em até 70% com a redução proporcional dos salários durante a Covid-19. Motivo apontado por 17,3% dos inadimplentes.

76% de bares e restaurantes têm crédito negado, segundo a Associação de Restaurantes

Uma pesquisa divulgada pela Associação Nacional dos Restaurantes (ANR) aponta que 35% dos bares e restaurantes com mais de uma unidade já fecharam lojas durante a pandemia da Covid-19 para não mais reabrir. Outros 15% acreditam que não vão conseguir manter o seu negócio após a pandemia.

A pesquisa, feita entre os dias 5 e 17 de junho, apontou que 76% das empresas que buscaram novas linhas de crédito para financiar o negócio tiveram suas propostas recusadas pelos bancos.

A associação estima que o setor já demitiu 1,3 milhão de pessoas desde o começo da pandemia, destes, 600 mil vagas foram fechadas apenas em São Paulo. Segundo a sondagem, 76% dos entrevistados afirmaram que fizeram uso da Medida Provisória (MP) 936, editada pelo governo Bolsonaro, que permite a redução de salários e jornadas e sus-

pensão de contratos durante a pandemia.

Para o presidente da ANR, Cristiano Melles, a MP 936, que sofreu mudanças no Congresso Nacional e a nova redação está para sanção da Presidência da República, ajuda a aliviar parcialmente o problema das empresas, mas diz que o governo deve estudar mais um pacote de medidas especialmente para bares e restaurantes.

“Jamais vivemos uma crise como essa. Em alguns países como no Reino Unido e nos Estados Unidos, os governos criaram pacotes especiais de ajuda para o setor. Aqui será fundamental que isso ocorra o quanto antes, sob pena de aumentar o desemprego e a falência de muitas empresas”, afirmou Melles.

Veja matéria completa no site do HP: <https://horadopovo.com.br/76-dos-bares-e-restaurantes-tiveram-creditos-negados-diz-associacao/>

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBSC - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - OI 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

Currículo falsificado de Decotelli adia sua posse



Comício das Diretas Já! em 1984 Sem Moro, “Direitos Já!” vira frente quase ampla

Na sexta-feira (26/06), o movimento “Direitos Já” reuniu virtualmente um número importante de pessoas num ato pela democracia e em defesa da Constituição. Várias personalidades, líderes políticos, artistas, intelectuais, estudantes, empresários, representantes de entidades e presidentes de centrais sindicais participaram do ato em defesa do estado de direito e contra as ameaças à liberdade vindas do governo Bolsonaro e seus arredores.

O ato foi bastante importante e significativo, mas enfrentou alguns problemas que certamente deverão ser superados nos próximos eventos contra o obscurantismo bolsonarista. O movimento precisa avançar para expressar a frente ampla que o país necessita. Durante a quinta-feira, correu no meio político a informação de que teria havido um veto por parte de Guilherme Boulos (PSOL) ao convite para que o ex-ministro Sérgio Moro fizesse parte do ato. O coordenador do movimento, Fernando Guimarães, esclareceu na sexta-feira que não houve veto, porque o convite não chegou a ser feito.

Qualquer frente contra o golpismo e pela democracia não será ampla de verdade se não abranger o ex-ministro Sérgio Moro, que rompeu com o governo por não aceitar a escalada que incluía a manipulação direta da Polícia Federal para acobertar crimes e perseguir desafetos. Moro pode ter errado quando entrou neste governo, mas mostrou dignidade quando saiu. É significativo que o episódio mais concreto de crime de responsabilidade que está sendo investigado seja exatamente a denúncia feita por Moro, que o levou a deixar o Ministério da Justiça.

O sociólogo Fernando Guimarães, coordenador do Movimento Direitos Já, abriu o evento. O ato contou com mais de cem lideranças de todos o cantos do Brasil, representantes de dezesseis partidos e de vários segmentos sociais. Segundo informou Guimarães, no auge da transmissão, cerca de 150 mil pessoas teriam sido alcançadas pela live.

Bruna Bleck interpretou o Hino Nacional, acompanhada por Bruno Stroeter no vibrafone, Renato Soares ao violão e com arranjo de Dino Barioni. Logo em seguida, Fernando Guimarães fez uma retrospectiva do movimento e passou à leitura do terceiro manifesto dos “Direitos Já”.

“A democracia brasileira está em risco. Grupos políticos, dentro e fora do governo Bolsonaro, têm atuado com vistas a desconstruir os fundamentos do pacto político e social, consolidados na Constituição de 1988. O DIREITOS JÁ! FÓRUM PELA DEMOCRACIA repudia veementemente qualquer tentativa de subverter a ordem democrática conquistada a duras penas pela sociedade brasileira”, diz um trecho do manifesto. “O DIREITOS JÁ! FÓRUM PELA DEMOCRACIA acredita que a sociedade brasileira é democrática, fraternal e humanista e que o Brasil é muito maior do que as crises que enfrenta no momento. É preciso ouvir as vozes cada vez mais potentes de uma população que clama por esta unidade”, acrescenta o documento.

OSMAR SANTOS FOI O PRIMEIRO

Antes mesmo de serem ouvidos os oradores do ato, Fernando Guimarães apresentou uma grande surpresa, que foi a presença de Osmar Santos, ex-locutor esportivo que se notabilizou como o principal apresentador dos comícios das Diretas Já e da campanha de Tancredo Neves à presidência no Colégio Eleitoral, campanhas da década de 1980, que foram frutos de um ampla frente democrática construída na época, que levou milhões de pessoas às ruas para derrotar a ditadura. Osmar Santos saudou os participantes em vídeo e, com a ajuda do irmão, Oscar Ulisses, afirmou que apoia com entusiasmo o movimento atual em defesa da democracia. Logo em seguida falaram lideranças de diversas religiões, todas elas, rabinos, pastores, padres, sheiks e monges em defesa da democracia e contra as manifestações preconceituosas de integrantes do governo Bolsonaro.

Com raras exceções, a grande maioria dos oradores defendeu a unidade em torno da democracia e dos direitos e reforçou a importância de seguir ampliando a frente democrática para poder derrotar Bolsonaro. O ex-governador Márcio França (PSB) afirmou que “nós passamos a vida inteira brigando para ter o direito de discutir e ter o direito de contrariar uns aos outros. Nós queremos continuar fazendo isso, e tem que ser com democracia. Muitas vezes nós ficamos desanimados por conta desse estado”. “E na medida que a gente está junto que a gente se reanima”, observou o ex-governador.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) reafirmou que “este momento é de união em torno da democracia e da Constituição”. “As coisas mudam. Eu já vi Getúlio, vi o Jânio, vi o Jango e vi o pessoal das ‘diretas já’. Cada um tem sua especificidade. Eu estou disposto a dar as mãos a todos aqueles que queiram abraçar a causa da liberdade e da democracia. Posso fazer pouco, mas, pelo menos, junto a minha voz. Se ela serve para alguma coisa, é para dizer ‘viva a liberdade e viva a democracia’”, afirmou o líder tucano.

Flávio Dino (PCdoB), governador do Maranhão, disse estar honrado em “compartilhar com tantos democratas de nosso país esse momento de enorme importância, em que a convergência, a união, o desejo de paz e justiça se fazem tão nítidos por intermédio de vozes tão representativas da pluralidade de vozes do povo brasileiro. É uma noite dedicada à celebração de nossa história e de valores e princípios, de defesa da democracia”.

ROBERTO FREIRE CRITICOU VETOS

Roberto Freire, presidente nacional do Cidadania23, fez uma das mais significativas colocações do ato. Ele chamou a atenção para que não haja vetos na formação da frente democrática para derrotar Bolsonaro. “A tarefa de todos nós que aqui estamos é de ampliar ainda mais, sem vetos. É fundamental termos presente isso. Nas diretas, saudávamos todos aqueles dissidentes ou arrependidos que no passado tinham defendido o regime e que agora vinham se integrar pela reconquista democrática. Agora, precisamos de todos aqueles que queiram manter a democracia e dar continuidade à liberdade e fazer com que esse movimento seja um núcleo importante de algo orgânico – e que concretize fatos para a derrota desse governo que aí está”, disse ele.

Texto na íntegra em www.horadopovo.com.br

PEDRO BIANCO E SÉRGIO CRUZ



Bolsonaro com o seu novo ministro da Educação, Carlos Alberto Decotelli

Nova versão do “Anjo” é que queriam matar Fabrício Queiroz e ele não deixou

O advogado Frederick Wassef, que escondeu Fabrício Queiroz por mais de um ano em sua casa no município de Atibaia, no interior de São Paulo, apareceu agora com uma nova versão, a de que acolheu Queiroz porque ele estava jurado de morte por “forças ocultas”.

Antes ele dizia que não sabia onde Queiroz estava, que não o conhecia e que não tinha a menor ideia do que ele estava fazendo em sua casa quando foi preso. Passaram-se alguns dias, e ele agora surgiu com essa história das “forças ocultas” que querem matar Queiroz para, segundo ele, “tentar comprometer o presidente”.

“Naquele momento, meu entendimento é que eu queria evitar que Fabrício Queiroz fosse executado em uma simulação qualquer ou mesmo que sumissem com o seu cadáver”, disse Wassef.

A versão fajuta de Wassef é que ele escondeu Fabrício Queiroz para proteger a família Bolsonaro. De acordo com o ex-defensor de Flávio, haveria um mirabolante plano para matar o ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro e culpar a família presidencial.

Um eventual sumiço mais definitivo de Queiroz, segundo o “anjo”, poderia ser interpretado como uma “queima de arquivo”, já que ele está envolvido em um esquema de lavagem de dinheiro na Assembleia Legislativa do Rio, onde trabalhava para o parlamento.

Ele não apontou, na entrevista que deu à revista Veja, desta semana, de onde partiram essas ameaças a Fabrício Queiroz e que forças ocultas são essas que teriam interesse em matá-lo para atingir a família Bolsonaro.

Aliás, ele não expli-

cou também porque não denunciou à polícia esse plano mirabolante.

O “anjo” fez questão de destacar com todas as letras que armou toda essa engenharia para sumir com Queiroz sem o conhecimento da família Bolsonaro. Tudo para protegê-la. Ou seja, ocultou da família Bolsonaro o seu plano de esconder Queiroz para que ele não fosse morto e culpassem a família Bolsonaro. Não pensou que, se fosse verdade a sua última versão, a suspeita maior seria de que a ameaça à vida de Queiroz partiria da família Bolsonaro.

Não foi para impedir que ele depusesse no inquérito da lavagem de dinheiro que poderia comprometer seu cliente, Flávio Bolsonaro.

Wassef teria também escondido da família Bolsonaro que participou de uma reunião no dia 2 de dezembro de 2019 em Atibaia com a presença de Fabrício Queiroz e Luiz Gustavo Boto Maia, outro advogado de Flávio, para preparar uma proposta a ser apresentada a Adriano da Nóbrega, miliciano que estava foragido e que chefiava do Escritório do Crime, uma espécie de central de assassinações da milícia do Rio de Janeiro.

O “anjo” não falou nada para a família Bolsonaro sobre essa reunião e nem sobre a viagem de Márcia Oliveira, mulher de Queiroz, e Luiz Gustavo Boto Maia, dois dias depois da reunião, para a cidade de Astolfo Dutra, no interior de Minas, onde estava escondida a mãe de Adriano, Raimunda Veras Magalhães.

Raimunda e a ex-mulher de Adriano da Nóbrega, Danielle Mendonça da Costa da Nóbrega, tinham sido funcionárias fantasmas do gabinete de Flávio

e repassavam parte dos salários para o esquema do gabinete e para o próprio Adriano.

Fabrício Queiroz foi flagrado em mensagens telemáticas exonerando Danielle Mendonça e Raimunda Veras do gabinete de Flávio assim que estourou o escândalo aberto com o relatório do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras).

O Coaf dava conta das movimentações milionárias nas contas de Fabrício Queiroz e do próprio deputado.

Além de influenciar outras testemunhas para que não depusessem no inquérito conduzido pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, Queiroz tinha também orientado que Raimunda Veras, dona de dois restaurantes que participaram do “esquema” de lavagem do gabinete, fugisse para o interior de Minas.

Uma foto que estava no telefone de Márcia Oliveira, mostrou o momento em que ocorreu a reunião em Astolfo Dutra, em Minas Gerais. Não se sabe o que foi discutido nesta reunião e nem por que Frederick Wassef teria participado de sua preparação. Mas, de concreto, saiu a nomeação do advogado Paulo Emílio Catta Preta para defender Adriano da Nóbrega.

Agora tornou-se público que Paulo Emílio Catta Preta é advogado da ex-mulher de Frederick Wassef, Cristina Boner Leo. Soube-se também que o mesmo Catta Preta assumiu a defesa de Fabrício Queiroz. Coincidência ou não, apenas dois meses depois desta reunião em Minas, Adriano da Nóbrega foi morto numa operação policial na Bahia.

Íntegra do texto em www.horadopovo.com.br

Escondida, mulher de Queiroz ameaça abrir a boca e toca o pânico em Flávio Bolsonaro

Frederick Wassef, ex-advogado de Flávio Bolsonaro, chamado de “01” por Jair Bolsonaro, afirmou há alguns dias à CNN que ele e Bolsonaro eram a mesma pessoa. “Se bater no Fred, atinge o presidente”, disse o casuístico, numa clara ameaça à família Bolsonaro que, a esta altura, já preparava sua demissão.

Mas, não é só o Fred que está mandando recados para o Planalto. Agora é a vez de Márcia Oliveira de Aguiar, que está foragida e é mulher de Fabrício Queiroz. Ela lançou sinais claros de que poderia fazer um acordo de colaboração premiada, segundo o jornal Valor Econômico. Com isso, ela segue o marido, que também já havia apontado nesta mesma direção.

Márcia ocupava um cargo fantasma no gabinete do filho do presidente na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro junto com sua filha Evelyn Mello. A outra filha, Nathalia Queiroz, apesar de ser uma personal trainer no Rio, era lotada no gabinete do então deputado federal Jair Bolsonaro, em Brasília. Todas elas participavam no esquema de lavagem de dinheiro montado nos gabinetes de Jair e Flávio.

Elas foram exoneradas, inclusive Queiroz, entre os dois turnos da eleição de 2018, quando este último ficou sabendo que a PF estava de posse de um relatório do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) incriminando seu chefe e ele próprio.

Depois que estourou o escândalo, a família Queiroz passou a se esconder e fugir do Ministério Público do Rio, órgão que investiga o caso.

Pelas informações obtidas no telefone de Márcia, capturado pela polícia numa operação de busca e apreensão, os investigadores descobriram que Queiroz foi albergado por Wassef em Atibaia e Márcia cuidava dos interesses do marido no Rio de Janeiro.

A polícia descobriu que ela recebeu R\$ 174 mil em dinheiro vivo, que ela intermediou solicitações de milicianos da Zona Oeste do Rio ao Queiroz, que ela pagou despesas do marido e foi enviada por ele, junto com outro advogado de Flávio, Luis Gustavo Boto Maia, ao interior de Minas, para conversar com a mãe de Adriano da Nóbrega, Raimunda Veras Magalhães, que está escondida a mando de Queiroz. Ou seja, a mu-

lher de Queiroz sabe muito.

Em uma das mensagens entre Márcia e Queiroz, por exemplo, ele diz à esposa que o “Anjo”, nome dado por eles a Frederick Wassef, pretendia escondê-los todos em São Paulo, caso a liminar do Toffoli suspendendo as investigações baseadas em relatórios do Coaf caísse. Márcia à época resistiu à ideia.

Disse que só aceitaria se fosse decretada a prisão deles. Márcia sabe qual foi a proposta feita pelo advogado de Flávio, Boto Maia, ao miliciano Adriano da Nóbrega na reunião realizada em 4 de dezembro de 2019, na cidade de Astolfo Dutra. Ela estava presente na reunião. Dois meses depois, Adriano foi morto numa operação policial de captura na Bahia.

Mesmo com os recados, Wassef foi afastado da defesa de Flávio. Ele, que tinha trânsito livre nos palácios em Brasília, agora está jogado à própria sorte. O “Anjo” participou de todas as tramas, inclusive da escolha dos advogados de Queiroz e de Adriano da Nóbrega.

Paulo Emílio Catta Preta, que, por coincidência, é advogado da ex-mulher de Wassef, assumiu a defesa de ambos, Fabrício Queiroz e Adriano da Nóbrega.

O ministro da Educação de Bolsonaro mentiu sobre doutorado, pós-doutorado e plagiou a tese de mestrado

A posse do ministro da Educação anunciado por Bolsonaro, Carlos Alberto Decotelli, foi adiada na segunda-feira, 29/06.

A cerimônia estava marcada para a terça, 30/06, mas o currículo acadêmico do ministro, desde o anúncio de sua nomeação, parece uma feira de inconsistências – para usar um termo delicado.

A última foi comunicada em nota pela Universidade de Wuppertal, na Alemanha (*Bergische Universität Wuppertal*), onde, segundo o currículo de Decotelli, ele teria obtido um “pós-doutorado”.

“O Prof. Dr. Carlos Decotelli”, diz a nota da universidade alemã, “se aproximou da Profa. Dra. Brigitt Wolf para uma estadia de pesquisa de três meses em janeiro de 2016. Até 2017, ela foi professora de teoria do design, com foco em metodologia, planejamento e estratégia na Universidade de Wuppertal e é agora emérita. Carlos Decotelli não adquiriu um título em nossa universidade. Ele não foi um pós-doc em nossa universidade. A Universidade de Wuppertal não pode se pronunciar sobre títulos adquiridos no Brasil” (grifo nosso).

A nota foi obtida pela TV Globo, que solicitou a informação em Wuppertal.

AR! MAIS AR!

Disse a Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom) que agora “não há previsão para essa cerimônia” de posse de Decotelli no Ministério da Educação.

Resta saber o seguinte: Bolsonaro é tão incompatível com a verdade, que não consegue anunciar um sujeito com um currículo minimamente confiável para o Ministério da Educação?

Parece. A começar pela suposta informação de que Decotelli teria sido oficial da Marinha.

Decotelli, na verdade, fez um curso profissionalizante na Marinha, em 1969, quando tinha 20 anos de idade. Devido a esse curso, com duração de 250 horas, ele é segundo-tenente da reserva da Marinha (v. o [currículo de Decotelli](#)).

Em suma, ele foi tanto oficial da Marinha quanto são oficiais do Exército todos aqueles que cursaram o CPOR.

Mas, resumamos o caso.

Quando o país respirava um pouco melhor, depois que o teor de mau cheiro diminuiu, com a fuga de Abraham Weintraub para os EUA, descobre-se que seu anunciado sucessor no Ministério da Educação:

1) Falsificou seu próprio currículo acadêmico (o “Currículo Lattes”), declarando-se possuidor de um título de doutorado que nunca teve – e não somente nunca teve: foi reprovado, ao tentar consegui-lo.

2) Falsificou sua tese de mestrado, com um extenso plágio de um relatório da Comissão de Valores Imobiliários (CVM).

3) E que Decotelli também não tem título de pós-doutorado pela Universidade de Wuppertal, na Alemanha (*Bergische Universität Wuppertal*).

Esta última informação, confirmada, como vimos, pela Universidade de Wuppertal, era de fácil dedução. Se Decotelli não tem doutorado, como poderia ter um “pós-doutorado”? Em geral os títulos acadêmicos têm uma lógica, uma hierarquia – até para que sejam respeitados.

Longe de nós a ideia de que o cidadão, para ser ministro, mesmo ministro da Educação, é obrigado a ter todos os graus e títulos acadêmicos do Planeta.

Mas deveria ter, pelo menos, aqueles que colocou em seu currículo.

Como se não bastasse o ex-ministro fugitivo, isto é, Weintraub, aquele que “em cinco anos de atividades acadêmicas na UNIFESP escreveu três artigos e orientou um TCC! Isso mesmo, leitor, um único e raro TCC de graduação em nove semestres letivos! E não participou de nenhuma banca, de graduação, mestrado ou doutorado... Além disto, dos três artigos que ele redigiu neste interregno (dois em coautoria com a esposa e um em coautoria com o irmão), um deles é a versão em inglês de outro publicado em português. Ou seja, na verdade, o professor que se transmutou em ministro publicou apenas dois trabalhos (um de oito páginas e outro de onze), nenhum de autoria exclusiva, e ainda os contou como se fossem três, em conduta ética bastante questionável academicamente, pois a prática é rejeitada por ser conhecida como ‘autoplágio’” (v. o artigo do professor Cássio Casagrande, “[A improbabilidade do ministro Weintraub e a improdutividade do professor Weintraub](#)”, HP 06/05/2019, grifos nossos).

NA ARGENTINA?

Vejam os agora o sucessor de Weintraub, o anunciado Decotelli. Como são acusações gravíssi-

mas – mais ainda para quem é ministro da Educação – resolvemos conferi-las.

Pela ordem, como se diz no parlamento, vejamos, primeiro, o caso do seu pseudo-doutorado.

No “Currículo Lattes” do sr. Decotelli, pode-se (ou podia-se) ler o seguinte:

*Universtade Nacional de Rosario, UNRS, Argentina.
Título: Gestão de Recursos na Administração das Empresas da Profa. Dra. Ana de Aragón (2008)
Orientador: Dr. Roberto de Aragón (2008).
Assessor: Carlos Decotelli, Rosário, Profa.
Grande área: Ciências Sociais e da Terra
Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia
Grande área: Ciências Sociais Exatas / Área: Administração
Sistema de avaliação: Avaliação Internacional Paralela.*

Portanto, o ilustre ministro se dizia detentor de um “Doutorado em Administração” pela Universidade Nacional de Rosario, na Argentina (UNROS).

Segundo, ainda, declarava em seu currículo, Decotelli tornou-se “**Doutor em Administração**” ao defender a tese “*Gestão de riscos na modelagem dos preços da soja*”, em 2009, sob a orientação do professor e Dr. Antonio de Araújo Freitas Jr.

Tudo ficaria por isso mesmo – quem se importa com uma tese sobre a “modelagem” dos preços da soja ou da beldroega? – se o próprio Bolsonaro não tivesse, em seu anúncio da substituição de Weintraub por Decotelli, dito que:

Dr. Carlos Decotelli, ministro da Educação, em reunião com o ministro da Saúde, Marcelo Freixo, em 29 de junho de 2019.



Isso obrigou o professor Franco Bartolacci, reitor da Universidade Nacional de Rosario, instituição que foi citada por Bolsonaro como fonte do título de “Doutor”, supostamente “obtido em 2009” por Decotelli, a comunicar que:

“*Nos vemos en la necesidad de aclarar que Carlos Alberto Decotelli da Silva no ha obtenido en @unrofficial la titulación de Doctor que se menciona en esta comunicación.*”

O governo sacou, então, um certificado da Universidade Nacional de Rosario, fornecido por Decotelli:



Como o leitor pode ver, o certificado diz que Decotelli “*ha cursado la totalidad de las asignaturas de la Carrera de Posgrado ‘DOCTORADO EN ADMINISTRACIÓN’ dictada por la Facultad de Ciencias Económicas y Estadística de la Universidad Nacional de Rosario*”.

Mas **não diz** que ele obteve o “Doutorado”.

Por quê? Se ele cursou e completou todos os créditos do curso de pós-graduação para o “Doutorado em Administração”, não se depreende que ele obteve o título de “Doutor”?

Não, esclareceu o reitor da Universidade Nacional de Rosario. Não se depreende.

Por quê? Porque Decotelli foi reprovado. Por isso, apesar de frequentar e completar todos os créditos para o título de “Doutor”, não obteve esse título.

Ser reprovado num exame para doutorado é algo tão raro que nem, a princípio, acreditamos. Pelo menos, não conseguimos lembrar de nenhum outro caso.

Mas o reitor foi muito específico: “[Decotelli] *apresentou una versión escrita que fue julgada desfavorablemente pelo júri e, portanto, não pôde fazer sua defesa oral*” (cf. “[Ministro da Educação foi reprovado em tese e não tem o doutorado que divulgava no currículo](#)”, El País, 26/06/2020).

Ou seja, Decotelli nem chegou à defesa de tese diante da banca – levou pau antes disso.

Bem, depois disso, Decotelli mudou o seu currículo acadêmico.

Agora, no seu “Currículo Lattes”, pode-se ler:

*Universtade Nacional de Rosario, UNRS, Argentina.
Título: Gestión de Recursos en la Administración, Ana de Aragón (2008).
Orientador: Sem datos de filiación.
Assessor: Carlos Decotelli, Rosário, Profa.
Grande área: Ciências Sociais e da Terra
Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia
Grande área: Ciências Sociais Exatas / Área: Administração
Sistema de avaliação: Avaliação Internacional Paralela.*

Ainda é mentiroso, pois Decotelli ainda diz que tem “Doutorado em Administração” pela Universidade Nacional de Rosario, na Argentina (UNROS), inclusive com “**ano de obtenção: 2009**” (?), mas “sem defesa de tese” (??) e sem “orientador” (???).

Isso nos serve de introdução para a segunda descoberta sobre as atividades acadêmicas de Decotelli. *Leia o texto na íntegra em www.horadopovo.com.br*

CARLOS LOPES

“Falta uma testagem de Covid-19 que permita o rastreio de casos”

“Prioridade número um é que possamos pegar cada positivo e rastrear os cinco ou dez contatos mais próximos dessa pessoa para poder bloquear a transmissão do vírus”, defendeu reitor da UFPEL

A falta de uma coordenação nacional no combate à pandemia do coronavírus no Brasil tem colaborado decisivamente para a expansão descontrolada do vírus nas diversas regiões do país.

Iniciativas como a do professor Pedro Curi Hallal, reitor da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que coordena o maior estudo epidemiológico sobre Covid-19, apontam a dimensão e a dinâmica da pandemia, e revelam a necessidade de medidas urgentes para o enfrentamento deste que é um dos maiores flagelos sanitários de nossa história.

O estudo conduzido por Pedro Hallal e sua equipe é reconhecido nacional e internacionalmente, mas, para infelicidade dos brasileiros, não consegue sensibilizar os atuais ocupantes do Ministério da Saúde e nem alterar a paralisia que toma conta do governo federal.

A segunda fase da pesquisa que reúne dados sobre o coronavírus no país indica que, em duas semanas, a proporção de pessoas com anticorpos para a doença – ou seja, que já foram ou estão infectadas – aumentou 53% no Brasil. “O que mais nos chamou atenção é o aumento no número de casos, que é espantoso. Mesmo que o Brasil tenha saído atrás de muitos países em relação à doença, hoje, certamente, somos o que tem maior velocidade de expansão da Covid-19 no mundo”, alerta Pedro Hallal.

Em entrevista ao HP, o reitor e coordenador da pesquisa, afirmou que o desdobramento natural de seu estudo epidemiológico, feito inicialmente no Rio Grande do Sul, e depois expandido para todo o país, deveria ser o aumento da testagem molecular (RT-PCR), que identifica a presença do vírus no organismo, “para que pudesse ser feita a busca dos contatos da pessoas positivas e fazer um rastreamento ativo”.

Para ele, “essa é a prioridade numero um”. Falta, segundo ele, uma “política de testagem”. Questionado sobre os motivos que levam a que o Brasil seja um dos países que menos fazem teste diagnóstico em todo o mundo, Pedro Hallal disse que “no começo faltavam testes, agora não é este o problema, não faltam testes, falta uma política de testagem que diga, cada positivo nós vamos rastrear os cinco ou dez contatos mais próximos dessa pessoa para poder bloquear a transmissão do vírus”.

Nós perguntamos como ele vê o isolamento social feito até aqui no Brasil e quais seus efeitos na pandemia. Pedro Hallal respondeu que considera que o distanciamento social que está sendo feito no Brasil atualmente “é um distanciamento meia boca”. “Ele é melhor do que se não estivesse fazendo nada e pior do que o ideal”, argumentou. “A sensação que eu tenho é que o momento seria de um lockdown rigoroso (restrições rigorosas de movimentação social) por uns quinze dias, para que possamos colocar a curva na descendente”, afirmou o pesquisador.

A cidade de Pelotas, com cerca de 200 mil habitantes, cuja prefeta Paula Mascarenhas conta, entre outras pessoas, com a presença do professor Pedro Hallal no comitê responsável pelo combate à pandemia do novo coronavírus, apresenta pouco mais de 200 casos confirmados e dois óbitos pela Covid-19.

O estudo, que é feito nacionalmente pela Universidade Federal de Pelotas, tem a sua versão estadual que contará, inclusive, com oito etapas, sendo mais amplo, portanto do que o estudo nacional. A Prefeitura de Pelotas tem feito busca ativa e rastreamento de casos.

ESPECIALISTAS CONCORDAM COM HALLAL

Um grande numero de especialistas tem uma opinião concordante com a avaliação do professor Pedro Hallal no que diz respeito à falta de uma política de testagem que possibilite as ações de rastreio de casos e bloqueio da expansão da doença nas diversas regiões do país. Eles consideram que essa política de testagem é fundamental para detectar os infectados, isolá-los e frear avanço da pandemia no Brasil.

Os estudos mostram que os testes são importantes porque, sem eles, não há como identificar quem está doente e isolar, o mais rápido possível, o infectado e todos os que tiveram contato com ele. Não há também como avaliar a situação do país em tempo real, para tomar as decisões corretas (como as de abertura da economia ou de lockdown). O isolamento social dos contaminados é uma forma de frear a transmissão. Sem identificar os contaminados atua-se às cegas

e é o que está ocorrendo no Brasil.

Segundo o Our World in Data, no Brasil a média até a primeira semana de junho, de pessoas testadas a cada 100 mil habitantes era de 2,28. Nos Estados Unidos, são 61,59 para cada 100 mil; na Itália, 69,25; em Portugal, 85,81; no Chile, 35,97. Pior do que testar pouco é testar sem uma política que tire consequências de seus resultados. Com estes números, o que se observa é que o país efetivamente não está fazendo busca ativa de casos. Com esses dados, fica evidente que o Brasil está testando apenas os pacientes que estão internados em estado grave.

O professor Eduardo Costa, ex-secretário de Saúde do governo Brizola, no Rio, PhD em Epidemiologia, médico-sanitarista e professor titular de Epidemiologia da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), em artigo publicado recentemente pelo HP também enfatizou, como fez o professor Pedro Hallal, a importância do rastreamento de casos para o controle da pandemia ([v. Hora do Povo: COVID-19: Busca ativa ou testagem de massa?](#)).

Disse ele: “Os países asiáticos tiveram enorme sucesso no controle rápido da epidemia. Além de dirigentes qualificados e respeitados pelos seus povos, usaram a epidemiologia clássica para poderem ser bem-sucedidos. De um lado, o foco no isolamento geral, por recomendação a todos e desmobilização de serviços não essenciais, e, de outro, a busca ativa e o rastreamento de casos. No caso da China, essas atividades de vigilância epidemiológica se iniciaram ainda antes que estivessem disponíveis os testes diagnósticos, que com eles ficaram mais robustos.

Em que consistem essas duas atividades?

O rastreamento parte de casos conhecidos que procuram atenção médico-hospitalar. A equipe de visitação sanitária (agentes de saúde ou outros profissionais de enfermagem) é comunicada imediatamente nos pontos de atendimento e vão à residência e ao trabalho (se estiver ativo) de quem adoeceu e testa todos os membros da família e seus amigos mais próximos nas comunidades para a presença do vírus na garganta (infectantes) e testes sorológicos. Todos o que tiverem febre e outros sintomas compatíveis com o diagnóstico inicial de SRAG serão postos em isolamento, se tiverem condições favoráveis em casa, com recomendações e, se possível contato diário para saber da evolução das pessoas. E se necessário encaminhar para um local de isolamento comunitário qualificado. Note-se que o uso de telefonia celular e internet viabiliza que essa ação seja rápida.

A busca ativa foca nos grupos profissionais que não podem parar, como saúde, frigoríficos, indústria de alimentos, transportes coletivos, motoristas de carga, entre outros; faz-se ‘swab’ indiscriminado nos trabalhadores, o que se repete periodicamente, para a coleta de material naso-faríngeo. Os positivos são isolados e postos em observação com o mesmo trabalho de rastreamento já descrito. A busca ativa na entrada e saída de cidades menores devem ter consequências sanitárias, não ser apenas para obter imagens. Além de desestimular a movimentação desnecessária, devem servir para que possa ser localizado e informado naquele positivo”.

“O complemento do uso de testes para diagnóstico, busca ativa e rastreamento, são os estudos sorológicos sequenciais em painéis da população por amostragem, como a iniciativa da UFPelotas. Por eles pode-se agregar segurança para o acompanhamento nacional da epidemia”, acrescentou Eduardo Costa. “Essas ações estão sendo feitas simultaneamente ao isolamento social indiscriminado também em países da América Latina com sucesso. E são obrigações que se mantêm depois que a epidemia é controlada, para não sermos surpreendidos com ‘segunda onda’.

Como o professor Pedro Hallal, Costa também considera que, com uma política de testagem, não é necessário um número enorme de testes. “Para essas ações não é necessário importar 42 milhões de testes. 10 a 20% já seriam muito bons se usados adequadamente. E com isso é possível racionalmente flexibilizar algumas atividades de isolamento social e ainda assim ter a supressão da epidemia. Há modelos que o demonstram, especialmente quando o objetivo é reduzir a taxa de reprodução de casos de menos de 1,5 para abaixo de 1”, conclui o especialista.

SÉRGIO CRUZ



Reprodução

Somos o país que tem maior velocidade de expansão da Covid-19 no mundo

Maranhão tem a menor taxa de contágio de coronavírus do país

A taxa de transmissão da Covid-19, que mede para quantas pessoas, em média, cada infectado está passando o vírus está diminuindo no Maranhão e mostra o controle da epidemia no estado da Região Norte do país.

Enquanto a taxa de transmissão está aumentando na maior parte das regiões do país, o Maranhão é o único estado em que a taxa está menor que 0,9 e diminuindo, quando comparamos esta semana epidemiológica com a anterior.

No Maranhão a taxa de contágio está em 0,84. Isso quer dizer que no estado uma pessoa está transmitindo a doença para menos de uma pessoa. E o valor baixo deste dado que evidencia o controle de uma epidemia.

A taxa de contágio também é importante porque ajuda a fazer previsões de quantos leitos de UTI um estado vai precisar para os seus pacientes graves.

O governador do Maranhão divulgou a trajetória de queda dos casos desde o início da pandemia. A taxa de transmissão baixa ajuda



Governador apresentou dados na quinta-feira

a consolidar esta queda.

“Quanto ao coronavírus no Maranhão, prossegue a trajetória de queda de casos ativos e aumento de casos recuperados. O respeito às regras sanitárias é essencial para que se mantenham os êxitos. Gráfico atualizado em 25 de junho”, afirmou o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), ao divulgar os números.

“Lamentamos muito a dor de todas as famílias maranhenses que perderam entes queridos. Cada vida importa e o nosso esforço diário é para que haja atendimento hospitalar a todos que necessitam. Mas é preciso que se faça justiça. A baixa taxa de transmissão maranhense é resultado do trabalho

sério, honrado e do compromisso que temos de salvar vidas”, disse o governador em entrevista.

Os dados são do Covid-19 Analytics, grupo de pesquisa formado por cientistas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e são referentes aos últimos 10 dias.

Outro estado que tem taxa menor que 1 é o Ceará, com 0,94.

Se o índice estiver menor que 1 aponta para o controle da epidemia, de 1,01 até 1,25 representa que um sinal de alerta. De 1,26 até 1,50 é considerado pelos pesquisadores como situação crítica e acima de 1,51 é indicativo de pandemia fora de controle.



Marcos Pontes criticou a falta de investimento na pasta de C&T

Mesmo com coronavírus, 90% do Fundo Científico permanece bloqueado

O ministro do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTIC), Marcos Pontes, confirmou na quarta-feira (24), que 90% dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico (FNDTC) seguem bloqueados pelo governo federal, mesmo com a pandemia do novo coronavírus e, consequentemente, a necessidade de liberação desse dinheiro.

“Temos necessidade de ter liberação maior”, disse o ministro na comissão externa da Câmara dos Deputados que trata das ações de combate à Covid-19.

Segundo Pontes, o Brasil tem cientistas de categoria internacional e capacidade de pesquisa para vencer o coronavírus, mas são necessários mais recursos e estabilidade de orçamento. Conforme ele, o ministério tem tido o orçamento reduzido desde 2013, o que prejudica o trabalho. Na visão dele, a liberação de recursos do FNDTC poderia resolver o problema.

“Todos os ministérios sofrem com a falta de recursos, mas o investimento em ciência e tecnologia é essencial para o desenvolvimento do país e pode ser solução para a crise”, destacou o ministro. Segundo ele, isso será essencial também para enfrentar as próximas pandemias, apontadas como certas pelos cientistas.

Presidente da comissão, o deputado Dr. Luiz Antônio Teixeira Jr. (PP-RJ) defendeu a formulação de projeto de lei para liberar os recursos do fundo, retirando-o do caixa da União.

A relatora do colegiado, deputada Carmen Zanotto (Cidadania-SC), acrescentou que o Orçamento de 2021 deve garantir orçamento adequado para a ciência e tecnologia. “Sempre se corta lá, como se fosse ministério desnecessário, e a pandemia mostrou como é necessário”, disse.

O ministro também citou o início dos testes em voluntários brasileiros da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, contra a Covid-19, que teve início no último fim de semana na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Segundo ele, dois mil participantes vão ser vacinados inicialmente. A vacina inglesa é a que está em estágio de desenvolvimento mais avançado no mundo.

Pontes relatou aos parlamentares as ações que estão sendo promovidas pela pasta durante a pandemia. Ele informou, por exemplo, que o Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais, vinculado ao ministério, identificou cinco remédios com potencial para combater a replicação do novo coronavírus, entre eles a nitazoxanida (Annita), que reduziu em 94% a carga viral em células infectadas “in vitro”.

Agora 500 pacientes voluntários, com pneumonia, tosse seca e febre, receberam o fármaco para os testes clínicos. Mas, segundo ele, há dificuldade para conseguir voluntários, por enquanto, há 230.

Marcos Pontes salientou ainda que o Brasil participa, juntamente com 44 países, de programa acelerador de vacinas coordenado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo ele, essa participação é importante para que o Brasil possa participar dos resultados que vierem a ser obtidos por quaisquer desses países.

Após redução nas internações, prefeitura de SP encerra Hospital de Campanha Pacaembu

A prefeitura de São Paulo anunciou o encerramento das atividades do Hospital de Campanha do estádio do Pacaembu. O hospital para atendimento de casos de coronavírus que necessitam de internações consideradas de baixo risco começou a receber pacientes em 6 de abril.

No último boletim epidemiológico divulgado pela Prefeitura de São Paulo com dados da quinta-feira (25), a taxa de ocupação de UTIs na cidade estava em 57%, no entanto, a gestão municipal só considera para o cálculo os 20 hospitais que são administrados pela gestão municipal e os leitos da rede particular que foram requisitados. Ficam de fora os hospitais públicos que são administrados pelo estado e a rede particular da cidade.

O hospital recebeu, ao todo, 1.212 pacientes durante todo o período de funcionamento. O outro hospital de campanha da capital, que foi instalado no Complexo do Anhembi, e possui atualmente 225 pacientes, permanecerá em funcionamento. Segundo ele, a redução do número de internações justifica a continuação do processo de reabertura econômica. Junto ao governo do estado, a Prefeitura autoriza a volta gradual de bares, restaurantes e salões de beleza na cidade, a partir de 6 de julho.

Os dados centralizados pelo governo do estado, que levam em conta toda a rede de saúde na cidade de São Paulo, apontam para a taxa de 65,4% na quinta-feira (25).



Hospital atendeu 1.212 pacientes com coronavírus

HOSPITAIS DE CAMPANHA
Criados para aliviar a rede municipal durante o pico da pandemia, os hospitais de campanha da gestão Bruno Covas operam hoje com cerca de 20% de sua capacidade. O contrato firmado com a rede privada Albert Einstein para a administração do hospital instalado no estádio teria duração de 120 dias, o que permitiria o funcionamento do hospital até o final de julho. No entanto, segundo Bruno Covas, a evolução positiva da epidemia na cidade permitiu que o hospital fosse fechado mais cedo.

“Com os números que nós temos na cidade de São Paulo, nós temos além dos 1340 leitos de UTI,

1984 leitos de enfermaria que foram criados para poder atender a população na cidade de São Paulo, nós estamos hoje com uma taxa de ocupação desses 1.984 leitos de 48%, desde o dia 1º de junho essa taxa vem diminuindo na cidade de São Paulo e nos últimos dez dias nós estamos com uma taxa abaixo dos 50%, por isso, que então, a Prefeitura entende que chegou o momento de começar a fechar esses leitos na cidade e vamos fechar na segunda-feira o hospital municipal de campanha do Pacaembu”.

Casagrande critica a falta de coordenação central no combate à pandemia

“O Brasil precisa de uma coordenação central, nacional, para alinhar as medidas de enfrentamento à pandemia da covid-19 tomadas pelos estados, facilitar a aquisição de medicamentos e insumos e planejar as providências a serem adotadas em médio e longo prazos e que permitam ao país superar as dificuldades causadas pela crise de saúde que virou econômica”, afirmou o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande (PSB), ao cobrar do governo Bolsonaro, durante audiência da comissão mista de acompanhamento da pandemia na Câmara dos Deputados, na quinta-feira (25), uma ação efetiva de enfrentamento ao novo coronavírus no país.

Casagrande que é representante do Consórcio de Integração Sul e Sudeste, que reúne os estados das duas regiões para pautas conjuntas, criticou a ausência da orientação e os ataques de Bolsonaro aos governadores que enfrentam a pandemia.

“Na área geral, da ação do enfrentamento da pandemia, nós governadores ressentimos muito da ausência e da coordenação nacional do governo federal, que podia estar numa coordenação mais ampla de enfrentamento da pandemia, de orientação e de palavras, na mesma direção de governadores e prefeitos. Essa falta de coordenação nacional, a troca de ministros, a politização do tema dos medicamentos e do próprio isolamento e distanciamento social, o enfrentamento provocado pelo presidente da República acabaram dificultando um pouco nosso trabalho, porque pregamos o comportamento de isolamento e o presidente tem outra visão sobre o distanciamento, e a prática dele demonstrou isso. Isso causou um estresse na relação”, avaliou o governador.

“Registro a necessidade dessa coordenação. Não se fez até agora, mas é possível que se faça ainda, até para ficarem em sintonia as ações do governo e do Congresso, que foi fundamental quando apoiou a ajuda [financeira] para estados e municípios”, salientou.

FTIAS/Divulgação



CNTA: ‘Portarias do governo submetem os trabalhadores a risco de contaminação’

Entidades que representam os trabalhadores da área de alimentação afirmam que as portarias publicadas pelo governo na sexta-feira (19), com “medidas destinadas à prevenção e controle da Covid-19 em empresas”, são um verdadeiro “desastre” e um “retrocesso” para a segurança dos trabalhadores.

Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Alimentação (CNTA) e a Confederação Democrática dos Trabalhadores da Alimentação (CONTAC), as medidas colocam vidas em risco, em especial no setor de frigoríficos e laticínios.

O setor tem sido um dos mais atingidos na pandemia do coronavírus, com número alarmante de contaminações e doentes.

As entidades sindicais alertam em especial para as portarias 20/2020 e 19/2020, que não apontam para a necessidade de “testagens em massa na retomada das atividades, nem na redução do número de trabalhadores por turno, com redução na produção e manutenção do salário”.

Essas medidas já foram recomendadas pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), assim como vêm sendo defendidas por infectologistas e epidemiologistas.

“É um desastre!”, disse o presidente da CNTA, Artur Bueno de Camargo. “As principais medidas de segurança real para o trabalhador, apontadas por nós, pela CONTAC, pela FUNDACENTRO, pelo MPT, por todos os órgãos preocupados com a questão, foram desconsideradas pelo Governo. É inadmissível! A portaria não traz nada de novo, pelo contrário: significa um retrocesso!”, diz.

O sindicalista cita ainda a cláusula que estipula o distanciamento de 1 metro dentro dos locais de trabalho, o que é contrário ao que defendem médicos e sanitaristas, que recomendam o distanciamento de no mínimo 1 metro e meio para conter a aglomeração e a contaminação.

“Se dentro do supermercado ou do shopping só pode 30% de pessoas, por que dentro da indústria, em ambiente climatizado e de risco, não há o mesmo critério? A vida desses trabalhadores vale menos que a de outras pessoas?”, questiona.

As entidades estão organizando uma série de ações para denunciar a portaria, entre elas, o encaminhamento de um ofício ao Supremo Tribunal de Justiça (STF) e a marcação de reuniões com parlamentares de diversos partidos no Congresso Nacional no intuito de derrubar a medida.

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Pesquisa aponta queda de 18% no rendimento do habitualmente recebido

Valter Campanato/Agência Brasil



Ação de Inconstitucionalidade foi promovida pelo PCdoB, PSB e PT

Decisão do Supremo Tribunal Federal proíbe redução salarial de servidores

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, nesta quarta-feira, 24, que é inconstitucional o dispositivo da LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) que permitia a redução de salário e de jornada de servidores públicos em momentos de ajustes dos gastos com pessoal.

A Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) foi promovida pelos partidos PCdoB, PSB e PT, que pediam a anulação de parte do artigo 23 da Lei.

O trecho considerado inconstitucional previa a “redução temporária da jornada de trabalho com adequação dos vencimentos” quando a despesa com a folha de pagamentos ultrapassasse os limites legais. O dispositivo já estava suspenso provisoriamente desde 2002, e só no julgamento de hoje foi declarado inconstitucional.

“Considero uma vitória dos servidores, pois diante de tantos retrocessos, precisamos lutar pela preservação de direitos e de salários, sobretudo nesses tempos em que o governo

persegue o funcionalismo público”, afirmou a líder do PCdoB, Perpétua Almeida (AC).

Perpétua lembrou ainda a participação do então deputado da legenda Sérgio Miranda (MG) na fundamentação da Ação Direta de Inconstitucionalidade à época. “Essa vitória também é do nosso saudoso Sérgio Miranda”, destacou.

Para o secretário-geral da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Condsef), Sérgio Ronaldo da Silva, “foi uma decisão importante do Supremo. A luta não terminou. Vamos seguir também buscando no Congresso a derrubada do veto presidencial que congela salários de servidores, principalmente os que estão atuando na linha de frente do combate a

essa pandemia, arriscando suas vidas”, afirmou.

Os ministros Edson Fachin, Rosa Weber, Ricardo Lewandowski, Luiz Fux, Marco Aurélio e Celso de Mello votaram contra o dispositivo.

A ministra Cármen Lúcia deu voto intermeditário. Ela foi contra a redução de salário, mas concordou com a redução da jornada.

Os ministros Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso, Gilmar Mendes e Dias Toffoli votaram a favor da redução da jornada e salário.

Toffoli, no entanto, defendeu que o corte temporário de salário fosse a última medida a ser adotada, somente quando houvesse a redução dos cargos em comissão, providência prevista na Constituição.

A maioria dos ministros entendeu que o dispositivo da LRF para a redução temporária de salário não estava de acordo com o artigo 37 da Constituição, que prevê a irredutibilidade das remunerações.

Bancários fazem protestos contra demissões abusivas do Santander

Os trabalhadores do banco Santander têm realizado diversos atos pelo país contra as demissões no banco espanhol, bem como contra o aumento de metas durante o período de pandemia. O Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região (Bancários-SP) classificam as cobranças como abusivas e afirmam que colocam em risco a integridade física e emocional da categoria.

O Santander possui cerca de 47 mil trabalhadores e, no início pandemia, firmou um acordo público em que se comprometeu a não demitir durante a crise sanitária. Mas recentemente, integrantes da alta gestão do banco anteciparam a projeção de corte de 20% do quadro de funcionários, uma redução que representa cerca de 10 mil novos desempregados.

Segundo os Bancários-SP, ao mesmo tempo que a direção do banco afirma que demitirá milhares de trabalhadores, descumprem também a promessa de cobrar metas dentro da razoabilidade imposta pelo período, porém as metas continuam aumentando. “A meta de capitalização subiu 50% da última semana de maio para a primeira de junho”, diz sindicato em comunicado. Entre as novas metas, funcionários denunciam o programa ‘Sou 40’, que prevê a venda de 40 produtos em 10 dias.

O Santander afirma que se comprometeu a não demitir até o final do mês de maio e sustenta que as demissões ocorreram por baixo desempenho. Em São Paulo foram demitidos pelo menos 15 trabalhadores desde maio.

A presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf), Juvandia Moreira, denuncia que não houve a fixação de um prazo, mas que o acordo estabelecido compreende o período de calamidade pública ocasionada pela pandemia do novo coronavírus.

“O compromisso do banco era não demitir durante a pandemia. Tem vídeo, entrevista da direção executiva do banco falando isso. Nós estamos no auge da pandemia, como é que pode dizer que acabou?”, pergunta Moreira.

Para Adriana Nalesso, Presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, o banco começou a demitir “numa estratégia ‘conta-gotas’, tentando não chamar a atenção da opinião pública. Usando como justificativa um desempenho insuficiente medido por metas que, se já eram excessivas antes da pandemia, agora tornaram-se irreais”.

De acordo com o sindicato carioca, o Santander Brasil apresentou um lucro de R\$ 14,5 bilhões, no ano de 2019. No primeiro trimestre deste ano, o lucro foi de R\$ 3,774 bilhões, o que representou um aumento de 10,5% em comparação com o mesmo período do ano passado (R\$ 3,415 bilhões). Em relação ao último trimestre de 2019, o crescimento foi de 0,7% (R\$ 3,748 bilhões).

Os bancários brasileiros são responsáveis por garantir 29% do lucro mundial do banco, de acordo com os sindicalistas. No início da pandemia, Banco Central anunciou a disponibilização de R\$ 1,216 trilhão para os bancos brasileiros, o equivalente a 16,7% do Produto Interno Bruto (PIB). O valor é expressivamente superior ao disponibilizado durante a crise econômica global de 2008, cerca de R\$ 117 bilhões, ou 3,5% do PIB.

“Um negócio muito absurdo. E cobrança de meta quando o Brasil inteiro está com problema da pandemia. Como é que vou vender um seguro, uma capitalização, um investimento, se muitos dos clientes estão precisando do dinheiro?”, questiona Juvandia.

Uninove demite cerca de 300 professores por mensagem automática e sem negociação

A Universidade de 9 de Julho (Uninove) demitiu cerca de 300 professores, nesta segunda-feira (22), por mensagem automática no portal acadêmico da instituição.

A denúncia foi feita pelo Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro), que protocolou no Tribunal Regional do Trabalho (TRT), nesta terça-feira (23), dissídio coletivo solicitando a anulação, em caráter liminar, das demissões.

A entidade pede ainda mediação do TRT nas negociações.

“Apesar de ter sido facilitada pela reforma trabalhista de 2017, a demissão em massa, como a que a Uninove acabou de promover, tem enorme impacto social. O fato de ela ocorrer em meio à pandemia e de a Mantenedora não ter manifestado nenhuma intenção



de negociar ou amenizar o problema, agrava ainda mais a situação.”, diz o sindicato em comunicado.

“Atenção! Prezado(a) professor(a), comunicamos que em 22 de junho de 2020, fica V. Sa. dispensada de prestar serviço a esta empresa sem obrigatoriedade inclusive do cumprimento do aviso prévio previsto em lei”, dizia a mensagem automática no portal.

O texto dizia ainda para os profissionais comparecerem ao departamento

de Recursos Humanos da unidade Vergueiro para efetuar a devolução de “crachá, cartão de acesso, cartão de estacionamento, carteirinhas de assistência médica e/ou odontológica” e para dar prosseguimento à baixa na carteira de trabalho.

“A pandemia está sendo usada pela Uninove para acelerar o processo de reestruturação iniciada há alguns anos e baseada na redução da folha de pagamentos e maximização dos lucros.”, denuncia o Sinpro.

IBGE: 9,7 milhões de pessoas ficaram sem salário em maio

O Instituto divulgou a primeira Pesquisa Nacional de Domicílio durante a pandemia

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Covid-19 (PNAD-Covid19), nesta quarta-feira (24), apontando que 9,7 milhões de trabalhadores ficaram sem remuneração alguma no mês de maio. Isso corresponde a mais da metade (51,3%) das pessoas que estavam afastadas de seus trabalhos e a 11,7% da população ocupada do país, que totalizava 84,4 milhões.

“Nós já sabíamos que havia uma parcela da população afastada do trabalho e agora a gente sabe que mais da metade dela está sem rendimento. São pessoas que estão sendo consideradas na força, mas estão com salários suspensos. Isso não é favorável e tem efeitos na massa de rendimentos gerada, que está estimada abaixo de R\$ 200 bilhões”, comentou o diretor adjunto de pesquisas do IBGE, Cimar Azeredo.

A pesquisa aponta também que caiu o rendimento efetivo dos trabalhadores, ficando cerca de 18% menor do que o habitualmente recebido. A média do rendimento habitual de todos os trabalhos no país ficou em R\$ 2.320 e o efetivo em R\$ 1.899, ou seja, o rendimento efetivo representava 81,8% do habitualmente recebido pelos trabalhadores.

Além disso, 19 milhões de pessoas (ou 22,5%) estavam afastadas de seu trabalho, sendo que 15,7 milhões (ou 18,6%) estavam afastadas devido à pandemia. Dentre os trabalhadores afastados 27,3% tem 60 anos ou mais.

Trabalhadores domésticos sem carteira foram os mais afetados, registrando o maior percentual de pessoas afastadas devido à pandemia (33,6%), seguidos pelos empregados do setor público sem carteira (29,8%) e pelos empregados do setor privado sem carteira (22,9%). Já entre os trabalhadores domésticos com carteira, o percentual de afastados foi de 16,6%.

“Claramente os trabalhadores domésticos sem carteira foram os mais afetados pela pandemia. Parcela expressiva deles tem renda média abaixo de um salário mínimo. Já os com carteira foram menos afetados porque têm mais estabilidade”, explicou Azeredo.

Ainda segundos os dados divulgados, mais de 28 milhões de pessoas não procuraram trabalho devido à pandemia. Em maio, havia 75,4 milhões de pessoas fora da força de trabalho no Brasil, dos quais 34,9% não procuraram trabalho, mas gostariam de trabalhar, e 24,5% não procuraram principalmente devido à pandemia ou porque faltava trabalho na localidade em que residiam, mas também gostariam de trabalhar.

“Ao somarmos a população fora da força que gostaria de trabalhar, mas que não procurou trabalho, com a população desocupada, temos 36,4 milhões de pessoas pressionando o mercado de trabalho. Quando o motivo de não ter procurado foi pandemia ou falta de trabalho na localidade, o total foi de 28,6 milhões de pessoas”, diz IBGE.

Para Azeredo, a crise da Covid-19 inflou a força de trabalho potencial. “Esse fenômeno afeta principalmente as pessoas de nível superior, pretos e pardos e adultos de 30 a 49”, explicou.

Entre os 65,4 milhões de trabalhadores que não estavam afastados (77,5%

dos ocupados), apenas 8,7 milhões estavam trabalhando de forma remota (13,3%). Quanto maior o nível de instrução, maior foi o percentual de pessoas que trabalhavam remotamente. Para as pessoas com nível superior completo ou pós-graduação, 38,3% estavam trabalhando remotamente; médio completo e superior incompleto, 7,9%; fundamental completo e médio incompleto, 1,7% e sem instrução ou com fundamental incompleto, apenas 0,6%.

Segundo Azeredo, “isso já era esperado, pois trabalhadores de nível superior estão envolvidos em atividades mais passíveis de serem realizadas de forma remota, como professores, analistas, técnicos de TI etc.”.

A pesquisa do IBGE também constatou que 38,7% dos domicílios brasileiros receberam algum auxílio relacionado à pandemia, como o auxílio emergencial e a complementação do governo no Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda. O valor médio pago a esses domicílios foi de R\$ 847.

A PNAD COVID19 construiu um indicador síntese que conjugou os sintomas mais associados à Covid-19: perda de cheiro ou de sabor; ou tosse e febre e dificuldade para respirar; ou tosse e febre e dor no peito.

A elaboração desse indicador síntese se deu a partir de uma pesquisa recomendada pelo Control Disease Center (CDC), baseada em observação de experiências internacionais e consulta a especialistas brasileiros do Instituto Nacional do Câncer (Inca), do Ministério da Saúde, da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), da escola de enfermagem Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

“São os sintomas relacionados à síndrome gripal. Na pesquisa de julho serão inseridos outros sintomas, entre eles, a diarreia”, explica Azeredo.

Os resultados indicaram que 4,2 milhões de pessoas (ou 2% da população) apresentaram sintomas conjugados de síndrome gripal que podiam estar associados à doença. Os sintomas foram informados pelo morador e não se pressupõe a existência de um diagnóstico médico.

A pesquisa demonstra ainda que a população negra (pretas e pardas) representaram 70% dos que apresentaram algum dos sintomas conjugados. O perfil dos hospitalizados é majoritariamente masculino (62,3%), negro (61,3%) e de idosos (40%). Ainda assim, as mulheres representaram 57,4% das pessoas que apresentaram sintomas conjugados.

Pela distribuição etária, o maior percentual foi entre as pessoas de 30 e 59 anos (55,2%), seguido pelo grupo entre 20 e 29 anos (21,1%) e pelos idosos com 60 anos ou mais (11,1%). Entre as pessoas que apresentaram sintomas conjugados, 31,3% (ou 1,3 milhões de pessoas) procuraram atendimento em estabelecimento de saúde. A maioria deles (78,2%) procurou no sistema público de saúde (postos de saúde, equipe de saúde da família, Unidade de Pronto Atendimento, Pronto Socorro ou Hospital do SUS).

Além disso, 61 mil pessoas (13,5%) que procuraram atendimento em hospitais com algum dos sintomas conjugados precisaram ficar internadas, sendo que destas 36,1% (22 mil) precisaram ser sedadas, intubadas e colocadas em respiração artificial.

Casa Branca segue deportação de imigrantes guatemaltecos infectados com o Covid-19

A deportação de imigrantes contaminados com coronavírus tem sido uma constante que vem sendo acelerada pela administração Trump dos Estados Unidos para a Guatemala, ultrapassando – oficialmente e recentemente – a cerca de duas centenas. Desde que começou a pandemia até junho, os EUA deportaram 2.359 guatemaltecos, entre eles 361 menores. Em outras palavras, 10% dos deportados tinham o Covid-19.

O que soou o alerta mais alto foi que pelo menos seis migrantes deportados em 9 de junho dos Estados Unidos deram positivo para o Covid-19 ao chegar, fazendo com que o país latino-americano suspendesse voos por pelo menos um mês para evitar a fonte de contágio.

A partir daí um turbilhão de novos casos foi reportado por um funcionário de saúde do aeroporto que pediu para não ser identificado. Por sua parte o Ministério de Saúde informou que não daria detalhes dos contágios, alegando temer que os migrantes sejam estigmatizados.

O The New York Times condenou o que identificou como a prática do governo Trump de “exportar” coronavírus, que tem causado sérios danos à saúde e ao bolso dos estadunidenses. “Nesta pandemia, as deportações massivas não são somente cruéis, mas também perigosas para a saúde pública no estrangeiro e no local”, advertiu. E o jornal acrescentou ainda que é “perigoso porque semear e abastecer a pandemia em qualquer país, e ainda mais os que sofrem de corrupção e pobreza, somente prolongará a crise de saúde e agravará as condições que levarão à migração massiva de El Salvador, Guatemala, Colômbia, Honduras, Haiti e México”.

O voo em que chegaram os últimos migrantes portadores do coronavírus aterrisou na tarde de 9 de junho com 40 adultos e 10 menores procedente de Alexandria, Louisiana. Antes, Estados Unidos havia enviado um voo deste mesmo local em que ao menos outros 65 migrantes também estavam contagiados.

Segundo o doutor Edwin Asturias, da Comissão Presidencial Contra o Coronavírus, para minimizar o risco de vinda de um país tão contaminado, não apenas se solicitam provas médicas, mas que sejam enviados um máximo de 50 passageiros com distanciamento nos voos, que usem máscaras e sigam os protocolos de saúde. Devido ao alto número de contágios, a Guatemala suspendeu por pelo menos quatro vezes a chegada de deportados.

PROPAGAÇÃO DO VÍRUS

Um estudo da organização Refúgio Internacional assinalou que “as deportações e retornos realizados em meio à pandemia de Covid-19 agravam desafios e contribuem para a propagação do vírus”. De acordo com a entidade humanitária, a administração estadunidense tem erroneamente insistido na detenção contínua de solicitantes de asilo por parte do Serviço de Imigração e Controle de Aduanas (ICE), “em lugar de utilizar alternativas que permitam o distanciamento social”.

Na avaliação do Refúgio Internacional, “os guatemaltecos deportados durante a pandemia chegam em casa para enfrentar os crescentes níveis de insegurança alimentar e uma economia estancada que se vê obstaculizada pelos fechamentos de fronteiras e as restrições de movimento”. “Tanto adultos como crianças enfrentam estigmas e riscos crescentes de ataques violentos, à medida em que o medo e a informação errônea sobre a enfermidade continuam se estendendo”, frisou.

Além de ter sido escanteado por Trump, o presidente da Guatemala, Alejandro Giammattei foi atropelado pelo envio de deportados contaminados. Giammattei afirmou que “isso de aliados dos Estados Unidos não é verdadeiro”, pois “a Guatemala é aliada dos Estados Unidos, os Estados Unidos não são aliados da Guatemala”, concluiu.

Juíza ordena que EUA liberte crianças migrantes diante de risco do coronavírus

A juíza Dolly Gee ordenou a libertação de crianças mantidas com seus pais em prisões de imigração dos EUA, em detenção prolongada de famílias pelo governo Trump durante a pandemia do coronavírus.

A decisão, emitida na sexta-feira, se aplica a crianças detidas por mais de 20 dias em três centros de detenção familiar no Texas e Pensilvânia operados pela Imigração e Alfândega dos EUA. Algumas foram detidas desde o ano passado.

Citando a recente disseminação do vírus em duas das três instalações, Gee estabeleceu prazo até 17 de julho para que as crianças sejam liberadas com seus pais ou enviadas para famílias de acolhimento. “Os centros de detenção da família estão em chamas e não há mais tempo para medidas”, escreveu ela.

Gee supervisiona um acordo judicial de longa data que rege o tratamento do governo dos EUA às crianças imigrantes, conhecido como acordo Flores, mas que não se aplica diretamente aos pais detidos.

De acordo com a juíza, 124 crianças estão detidas nos centros de Imigração e Alfândega, enquanto outras 1.000 estavam no início de junho em instalações do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA para crianças desacompanhadas.

Esses números são

significativamente menores do que no início do mandato de Trump, em decorrência de seu governo ter passado a expulsar a maioria das pessoas que tenta cruzar a fronteira ou ao impor que esperem no México por uma decisão sobre pedido de asilo.

Advogados vêm pedindo que a ICE libere todas as famílias da detenção, especialmente porque o coronavírus se espalhou rapidamente nos centros da imigração. Nos arquivos judiciais revelados na quinta-feira, a ICE disse que 11 crianças e pais testaram positivo para Covid-19 no centro de detenção da família em Karnes City, Texas.

No centro de detenção nas proximidades de Dilley, pelo menos três pais e crianças, incluindo uma criança que completou 2 anos esta semana, foram colocados em isolamento depois que dois contratados e um funcionário da ICE deram positivo.

Mais de 2.500 pessoas sob custódia da ICE deram positivo para Covid-19. A agência diz que liberou pelo menos 900 pessoas consideradas com risco médico aumentado e alega ter reduzido as populações em seus três centros de detenção familiar.

“Eles precisam fazer a escolha sensata e liberar os pais para cuidar de seus filhos”, disse a advogada Amy Maldonado, que assiste às famílias detidas.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Trump estimula o racismo com expressão supremacista branca



NYT localizou 145 reenvios de mensagens de cunho racista por Trump em 2019

Meretz, partido israelense, denuncia Netanyahu e o “desastre da anexação” de território palestino

O partido israelense Meretz, de oposição ao governo Netanyahu, produziu um vídeo com suas principais lideranças condenando a anexação de território palestino na Cisjordânia de forma unilateral pela ocupação israelense e alertando que “isso fará de Israel um regime de apartheid”.

O primeiro-ministro Netanyahu é o mais intransigente defensor da medida (que prevê implantar a partir de 1º de julho) e que, como alertam os dirigentes do Meretz, elevará a níveis imprevisíveis a tensão em toda a região do Oriente Médio, sem trazer qualquer vantagem para os israelenses.

“Um desastre”, como qualifica o Meretz, que só trará mais derramamento de sangue, despesas com aparato militar, distorções e divisão na sociedade israelense e elevação do isolamento internacional.

Os líderes do Meretz apontam riscos para a própria existência de Israel, onde “se perderá a maioria judaica”, como diz Yossi Beilin e que Israel só continuará existindo como “regime de apartheid”, como alerta Zehava Galon.

Diante de três processos em curso que o julgam por fraude, suborno e quebra de confiança, processos que podem colocá-lo atrás das grades, Netanyahu e seus correligionários buscam, na elevação da tensão com os vizinhos, desviar o foco dos processos e salvar o governante de extrema-direita da prisão.

No vídeo, pode-se ver o



“Parar o desastre”, conclama presidente do Meretz

posicionamento das lideranças:

- Deputada Tamar Zandberg: “É hora de acordar!”
- Deputado Nitzan Horowitz, presidente do Meretz, “Ao final deste mês, Netanyahu deve submeter [ao Knesset, parlamento israelense] o plano de anexação.
- Zehava Galon, ex-deputada e ex-presidente do Meretz: “Um plano que vai anexar milhões de palestinos que não terão cidadania, que não terão direitos iguais. Isso se chama Apartheid.”
- Haim Oren, ex-presidente do Meretz: “Um plano que trará escalada militar, violência e derramamento de sangue”
- Tamar Zandberg: “Eleitores que votaram no campo da paz foram roubados! Benny Gantz e Amir Peretz firmaram um contrato de silêncio e entregaram a liderança do país à extrema direita!”
- Nitzan Horowitz: “Se o messianismo religioso derrotar o sionismo não haverá um Estado Palestino e também não haverá

Estado de Israel”.

- Yossi Bilin – ex-presidente Meretz [líder das discussões com o palestino Yasser Abed Rabo que levaram ao documento pela paz mais profundo da história das negociações israelense/palestinas: a Iniciativa de Genezbra]: “A anexação de toda a Cisjordânia vai tornar nossa área um único país de maioria palestina. Em outras palavras, é o fim da história [refere-se ao fim do anseio dos sionistas, o Estado de Israel de maioria judaica].
- Tamar Zandberg: “Levante-se!”
- Zahava: “Você também!”
- Michal Rozin ex-deputada do Meretz: “O campo da paz está lutando”
- Mossi Raz ex-deputado: “Junte-se à luta mais importante testemunhada por Israel”
- Nitzan Horowitz: “Vamos deter a anexação! Vem o fecho: Meretz – “Vamos parar o desastre da anexação!”

NATHANIEL BRAIA

Reunião entre China e Índia aprova desmobilização no pé do Himalaia

“Modalidades de desmobilização em todas as áreas de atrito em Ladakh Oriental foram debatidas e serão levadas adiante pelos dois lados”, afirmou porta-voz da Índia, após reunião de 11 horas entre os comandantes militares chineses e indianos na contestada região na fronteira entre os dois países. O que também foi confirmado pelo porta-voz da chancelaria chinesa, Zhao Lijian, que disse que os dois lados concordaram em adotar medidas para apaziguar as tensões.

O diálogo entre os dois comandos de segunda-feira (22) ocorreu em uma “atmosfera cordial, positiva e construtiva”, acrescentou a fonte indiana. O encontro foi realizado do lado chinês da chamada “Linha de Controle Efetivo”, a divisa de fato entre os dois grandes países.

Em outro desdobramento positivo, realizou-se por videoconferência a reunião do RIC – Rússia-Índia-China -, com a participação dos respectivos ministros das Relações exteriores Sergei Lavrov, S. Jaishankar e Wang Yi, por motivo do 75º Aniversário da Vitória sobre o Nazismo. Reunião cuja principal importância, como registrou um comentarista indiano, o ex-embaixador MK Bhadrakumar, foi ter ocorrido nesse contexto.

CONFRONTO MORTAL

Na semana passada, confronto na inóspita região no lado ocidental do Himalaia, cuja fronteira ainda carece de demarcação, causou a morte de 20 soldados indianos e um número

negociada do impasse, apesar de setores mais extremados indianos promoverem queima de cartazes do presidente chinês Xi Jinping e convocarem “boicote a produtos chineses”. Desde 2016, Xi e Modi se reúnem informalmente todos os anos para discutir uma pauta comum.

O confronto ocorreu na noite do dia 15. No dia 16, depois de se reunir com o primeiro-ministro Modi, o chanceler indiano Jaishankar entrou em contato com o chanceler chinês Wang Yi, e chegaram a um entendimento inicial sobre a contenção da crise no vale de Galwan.

DIÁLOGO

Na sexta-feira (19), em reunião com todos os partidos indianos, o primeiro-ministro Modi afirmou que “nem eles [os soldados chineses] invadiram nossa fronteira, nem nenhum posto foi tomado por eles”, depois de ter homenageado os “vinte mártires” e acrescentado que os chineses “tomaram uma lição”.

Porta-voz do Exército de Libertação Popular ressaltara que a soberania sobre a região do vale do Galwan era “da China” e denunciara a violação dos acordos obtidos no nível mais alto, e infringindo os sentimentos do povo em ambas as nações. Ele convocara a Índia a “restringir estritamente suas tropas na fronteira, parar todas as ações provocativas, encontrar o lado chinês no meio do caminho e voltar ao caminho correto de resolver as disputas via diálogo”.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

negociada do impasse, apesar de setores mais extremados indianos promoverem queima de cartazes do presidente chinês Xi Jinping e convocarem “boicote a produtos chineses”. Desde 2016, Xi e Modi se reúnem informalmente todos os anos para discutir uma pauta comum.

O confronto ocorreu na noite do dia 15. No dia 16, depois de se reunir com o primeiro-ministro Modi, o chanceler indiano Jaishankar entrou em contato com o chanceler chinês Wang Yi, e chegaram a um entendimento inicial sobre a contenção da crise no vale de Galwan.

Em mais uma atitude de estímulo ao racismo, Trump repicou, em sua plataforma no Twitter, uma mensagem na qual um apoiador seu brada: “White Power!” (“Poder Branco”), uma expressão usada pelos supremacistas brancos

O presidente Trump retuitou, no domingo, um vídeo de um de seus apoiadores gritando “White Power” (“Poder Branco”) – uma palavra de ordem dos supremacistas brancos -, estimulando o preconceito, a violência racial em meio a semanas de levante nacional contra o racismo e a desigualdade social em manifestações que atravessam os Estados Unidos de norte a sul e de costa a costa.

No vídeo, o homem ergue um cartaz com os dizeres “Trump 2020” e “América First” (América antes de tudo).

Com a indignação nas redes sociais com a mensagem reforçada pelas plataformas presidenciais, Trump a retirou depois dela permanecer postada por mais de três horas.

Antes de retuitar a mensagem, Trump escreveu: “A esquerda radical não é capaz de nada e os democratas vão cair no outono”.

A postagem é mais uma das muitas mensagens que Trump anda divulgando com comentários intolerantes de seus seguidores.

Tim Scott, da Carolina do Sul, o único senador republicano negro denunciou o vídeo como “ofensivo”, ao pedir para Trump que o retratasse.

“Não há o que questionar, ele não deveria ter feito isso e deveria simplesmente ter apagado. Aqui não se trata de afinidade política ou não, isso é indefensável”, disse o senador.

O senador Scott fez estes comentários em um programa da CNN e foi pouco depois



Bernice King durante o funeral de Rayshard Brooks

Na Igreja de Martin Luther King, Atlanta se despede de Brooks com ato em defesa de direitos civis

A família de Rayshard Brooks, o negro morto a tiros pelas costas por um policial de Atlanta, realizou seu funeral carregado de simbolismo no mesmo local onde Martin Luther King Jr. era pastor, na última terça-feira, naquela que ficou conhecida como “Igreja da liberdade da América”.

Como tantos outros cujos nomes foram entoados em palavra de ordem em atos que tomaram os Estados Unidos de ponta a ponta “após encontros fatais com a polícia”, assinalaram os manifestantes, “Rayshard Brooks se tornou um símbolo”.

Uma série de oradores se revezaram no histórico púlpito, ligado à luta pelos direitos civis, para condenar o racismo e o preconceito de um sistema de justiça criminal extremamente perverso, que joga todo seu peso sobre a negritude e do qual é impossível de escapar. Dentro deste quadro, denunciaram, só cresce a profunda desconfiança entre as autoridades policiais e a comunidade afro-americana.

“Estamos aqui para sentar com esta família”, disse o reverendo Raphael G. Warnock, pastor da Igreja Batista Ebenezer, referindo-se à esposa e filhos de Brooks que se encontravam diante dele, “mas não seríamos honestos se não discutíssemos o que nos trouxe aqui em primeiro lugar”. “E sobre ele”, acrescentou o pastor Warnock, que também é candidato democrata ao Senado dos Estados Unidos, “mas é muito maior que ele”. Um outro pastor disse que Brooks foi vítima de um sistema que não oferece “uma chance real de redenção”.

destas condenações públicas que o post foi retirado.

Judd Deere, porta-voz da Casa Branca, disse que Trump “não ouviu a declaração feita no vídeo. O que ele viu foi o tremendo entusiasmo de seus apoiadores”.

John R. Bolton, o ex-assessor de Segurança Nacional de Trump e que acaba de lançar um livro onde chama Trump de “errático, tonto e mal preparado”, aventou duas possibilidades. A primeira de que o presidente “não considera as implicações das informações que lhe chegam”.

A segunda seria que “ele viu o conteúdo racista e retuitou para promover a mensagem”.

“Seria uma conclusão plausível”, disse Bolton.

Em maio quando os protestos eclodiram após a morte por asfixia de George Floyd, Trump divulgou a mensagem: “Quando os saques começam, os tiros começam”. Uma fala do chefe de polícia de Miami, Walter Headley, sobre a atuação da polícia em sua cidade. No depoimento Headley acrescentou então que não se importava de que a polícia de Miami fosse acusada de brutalidade. Mostrando o cunho racista de suas expressões, Headley acrescentou que jovens negros “se aproveitavam do movimento pelos direitos civis para fazer saques”.

Uma análise da conta de Twitter de Trump pelo jornal New York Times, ao final do ano passado, revelou que ele retuitou pelo menos 145 mensagens de conteúdo “racista ou conspiracional”, incluindo mais de 20 que foram depois deletadas pelo Twitter.

Parlamento da Suécia vai investigar o desastre do governo diante da Covid-19

O parlamento sueco aprovou a formação de uma comissão para investigar a resposta governamental à crise da Covid-19. Os resultados devem influir nas eleições que ocorrerão em 2022 em uma situação em que o atual governo tem a popularidade em queda exatamente por conta da condução orientada pelo epidemiologista-chefe, Anders Tegnell, que rejeitou a orientação da Organização Mundial da Saúde, OMS, de estabelecer distanciamento e isolamento preventivos como medida inicial para evitar a propagação do vírus. Escolas, restaurantes e lojas permaneceram abertas todo o tempo.

Foi a adoção da chamada busca da imunidade de rebanho quando uma alta parcela da população se contamina e acaba por desenvolver naturalmente resistência generalizada ao vírus.

O governo também propagou que, como os níveis educacional e obediência dos suecos seriam muito elevados, bastaria o governo recomendar distanciamento para que isso ocorresse.

O resultado é que a Suécia apresenta uma das maiores taxas de mortandade do mundo. 515 mortos por milhão até o dia 25, de acordo com a OMS. É mais que o dobro da taxa já atingida pelo Brasil que, apesar da mesma linha proposta aqui por Bolsonaro, teve a resistência de prefeitos e governadores. Ainda que seja um número trágico de mortos, mais de 50 mil, a taxa (242 por milhão) é menos da metade da nefasta condição da Suécia, que Bolsonaro apresentou como exemplo.

A mortandade entre os Suecos é muito maior que a dos países vizinhos, que adotaram a conduta sugerida pela OMS: Dinamarca, 110 por milhão; Finlândia, 59 e Noruega 46. Também ultrapassa o índice norte-americano que está em 363 por milhão.

Diante dessa realidade, Tegnell se defende dizendo que as restrições de movimento poderiam ter acarretado “mais violência doméstica, solidão e desemprego em massa”. O epidemiologista atribui aos demais seu comportamento distante da realidade: “Parece que o mundo enlouqueceu e a Suécia ficou bastante sozinha”.

Mas, como até para loucura há limite, Tegnell acabou admitindo erros e que “assim como toda droga tem efeitos colaterais, medidas contra a pandemia também tem efeitos negativos. Muitos aspectos precisam ser considerados”.

Tegnell também aconselhou as pessoas a não usarem máscaras, argumentando que “há pouca evidência científica de sua eficácia”.

Agora já começa a apresentar mudanças de opinião. Se no início dizia que a doença iria embora de forma tão repentina como surgiu, agora afirma: “Estou procurando avançar para uma avaliação mais séria do trabalho que fizemos até agora e não há como saber como isso vai acabar”. Ele também recuou e passou a recomendar distância entre as pessoas em locais abertos e uso de máscaras em locais fechados e meios de transporte coletivos.

IDOSOS SÃO OS MAIS ATINGIDOS

E o os mais atingidos são os idosos. 88% das mortes de coronavírus entre os suecos são de pessoas com mais de 70 anos. “É terrível ser velho na Suécia. Dizem-nos que a comunidade cuida dos idosos, mas isso é uma grande mentira. Eles não mandam os idosos para o hospital, porque haveria muitos, então os deixam morrer em suas camas, sem nenhuma ajuda”, declarou a professora de música Beiritt, de 75 anos, à rádio francesa de notícias, RFI.

“Em Estocolmo, 88% dos pacientes morreram nas casas de repouso, apenas 12% foram hospitalizados. O problema remonta à década de 1990, quando começamos a analisar a relação custo-benefício de certos tratamentos para alguns grupos de pacientes. Mais idosos teriam sobrevivido se lhes fossem oferecidos cuidados hospitalares”, diz Yngve Gustafson, professor de geriatria de Umea.

Após a crise do coronavírus, a Suécia terá de enfrentar as condições de trabalho em lares de idosos, grande parte dos quais são administrados por grupos privados – mais do que em outros países escandinavos.

“O que significa buscar o lucro ao cuidar de um lar de idosos? Eu acho que vai ser um debate importante na Suécia depois da crise”, reconheceu a ministra das Finanças, Magdalena Andersson.

Uma investigação foi aberta pela Inspeção de Saúde da Suécia sobre o trabalho em lares de idosos, bem como para apurar a seleção de pacientes em hospitais suecos.

Além de tudo isso, falhou também uma das motivações para se ter mantido o país sem as medidas necessárias de isolamento preventivo para escapar da recessão, fato que apesar da economia continuar aberta não aconteceu. Há poucas evidências de que essa decisão tenha levado algum benefício. Magdalena Andersson informou que a Suécia está enfrentando sua pior crise econômica desde a Segunda Guerra Mundial, com o PIB caindo 7% em 2020. O indicador é semelhante aos 7,5% que os especialistas preveem para a UE como um todo. E, de acordo com as últimas previsões, o desemprego se aproximará de 10%.

Grande parte do PIB do país depende de exportações, como das fábricas de veículos Volvo e Scania, que ficaram prejudicadas pela quarentena em todo o mundo. A Suécia exporta principalmente para os países nórdicos, Alemanha, Reino Unido e EUA. Mas, com a desconfiança gerada pela estratégia sueca — que levou a Finlândia, a Dinamarca e a Noruega a considerarem o fechamento de suas fronteiras, a Suécia provocou o seu próprio aprofundamento na crise.

Europa eleva contribuições após Washington romper com a OMS

Foto: OMS



Diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesu, com Neven Mimica, da União Europeia

Corona infecta mais de 10 milhões de pessoas e mata 500 mil no mundo

Já são 500 mil os mortos por Covid-19 no mundo, anunciou no domingo (28) o centro de monitoramento da Universidade Johns Hopkins, enquanto o total de casos – pessoas infectadas – chegou a 10 milhões.

O Brasil é o segundo lugar em total de mortes pelo coronavírus, com 57 mil, só superado pelos EUA, com 125 mil. A seguir, Grã Bretanha (43,6 mil), Itália (34,7 mil), França (29,7 mil), Espanha (28,3 mil), México (26,3 mil) e Índia (16,1 mil). A China, onde primeiro foi detectada a Covid-19, tem 4,6 mil; Nova Zelândia, 22. Vietnã, zero.

Com pouco menos de 5% da população mundial, os EUA têm 25% dos mortos da Covid-19 no mundo inteiro e 25% do total de casos.

Por sua vez a Organização Mundial da Saúde (OMS) registrou novo recorde diário no número de novos casos confirmados da pandemia em todo o mundo – mais de 189 mil em 24 horas. O recorde anterior, há seis dias, era 183 mil casos.

O número de recuperados do coronavírus é de 5 milhões. Cerca de uma dúzia de potenciais vacinas Covid-19 estão em estágios iniciais de testes e poderão passar para testes em estágio final no final deste ano, se tudo correr bem.

Revelador da gravidade da pandemia é o fato de que, nas duas últimas semanas consecutivas, o total de novos casos chegou a 1 milhão. Ao ser atingida em abril pela primeira vez a marca de 1 milhão, haviam transcorrido mais de três meses desde o primeiro caso confirmado de Covid-19.

Apenas dois países, EUA e Brasil, têm mais de 1 milhão de casos de Covid-19 confir-

mados, respectivamente 2,5 milhões e 1,3 milhão. A Rússia vem em terceiro, com 633 mil.

Esses números, apesar de seu impacto, subestimam bastante, segundo os especialistas, o verdadeiro alcance da pandemia. Recente análise dos Centros dos EUA para Controle de Doenças (CDC) estimou que, provavelmente, o número de casos no país é dez vezes maior do que o confirmado, podendo chegar a 20 milhões.

O Brasil voltou a ser recordista em novos casos confirmados no período de 24 horas, com mais de 46,8 mil, seguido pelos EUA, com mais de 44,4 mil. Aliás, nos últimos cinco dias consecutivos, os EUA superaram o recorde de novos casos no auge da Covid-19 de abril, quando os hospitais de Nova Iorque estavam à beira do colapso.

Índia e Brasil responderam por mais de um terço de todos os novos casos na última semana. O Brasil registrou um recorde de 54,7 mil novos casos em 19 de junho. Alguns pesquisadores disseram que o número de mortos na América Latina pode subir para mais de 380 mil até outubro, de cerca de 100 mil esta semana.

ÍNDIA: 500 MIL CASOS

Na Índia, cidades densamente povoadas foram particularmente atingidas, como Nova Delhi e Mumbai. O país bateu recorde diário no sábado, com 18,5 mil novos casos e 385 mortes. O total de infecções superou os 500 mil.

Países como China, Nova Zelândia e Austrália, que haviam contido a pandemia, viveram episódios de novos

surtos. A China impôs no domingo um bloqueio rigoroso a quase meio milhão de pessoas em uma região nos arredores de Pequim para conter um foco localizado.

Na Europa, a reabertura prossegue gradualmente, e Paris acaba de reabrir as visitas à Torre Eiffel. A retomada está em curso também na Espanha, Alemanha e Grã-Bretanha, em estágios diferenciados. Em Portugal, o governo decidiu voltar a decretar o isolamento nos arredores de Lisboa. Os países europeus anunciam a reabertura de fronteiras, exceto para turistas de países onde a pandemia está descontrolada, como EUA e Brasil.

Várias fontes desmoralizaram a alegação do presidente Trump de que o recrutamento do número de infecções nos EUA se deve a que o país “testa mais que todo mundo”. Segundo o jornal britânico Independent, quando se compara o total de testes com a população, os EUA despencam para um modesto 14º lugar, atrás de Bahrein, Dinamarca, Rússia, Qatar, Portugal e até a Bielorrússia.

Na comparação, a Europa Ocidental – de população equivalente (328 milhões a 327 milhões) – apesar de os EUA terem feito 20% a mais de testes, têm 83% a mais de infectados (cerca de 1 milhão de casos de diferença).

Onze estados dos EUA anunciaram medidas de reversão do fim do distanciamento social, como Texas e Flórida, que determinaram que bares fechem novamente e restaurantes adotem restrições mais rígidas.

Matéria completa em www.horadopovo.com.br

Além do apoio da UE, a OMS recebeu os ministros da Saúde da França e da Alemanha com mais recursos, numa reação à hostilidade de Trump, que cortara verbas devidas à Organização

União Europeia assinou um documento em conjunto com a OMS através do qual se compromete a contribuir com 102 milhões de euros até 2022.

A assinatura se deu em Bruxelas, no dia 18. O diretor-geral da OMS saudou “o fortalecimento dessa parceria em torno do programa de Cobertura Universal de Saúde”.

Pela UE assinou Neven Mimica, comissário da União Europeia para a Cooperação e o Desenvolvimento. No ato, ele ressaltou que “esta iniciativa confirma o papel da União Europeia em apoio à saúde universal e coloca em prática e fortalece nossa parceria com a OMS”.

Além do apoio da UE, o diretor da Organização Mundial da Saúde, OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesu, recebeu em Genebra os ministros da Saúde da França e Alemanha no dia 25. Eles foram ao encontro do diretor-geral para informar de remessas de recursos e material à entidade por parte dos dois países.

A visita dos ministros, a primeira desde o início da pandemia, é uma reação à hostilidade de Trump à OMS, de quem cortou financiamento, acusou de

má administração e também sugeriu “investigação” quanto a suposto alinhamento de seu dirigente com a China.

O ministro alemão informou que contribuirá com 500 milhões de euros (US\$ 560 milhões), somando fundos e material. A França se comprometeu com 150 milhões de euros entre recursos e máscaras protetoras.

O ministro francês, Olivier Véran, destacou a decisão de apoiar “o funcionamento da OMS, pois representa uma estrutura multilateral global e uma ferramenta indispensável na luta contra a evolução de doenças”.

“Eu vim para reiterar a confiança da França na capacidade da OMS de lidar com os riscos emergentes à saúde e realizar esse trabalho de avaliação”, acrescentou.

Até o mês de maio, o governo norte-americano era o maior doador para a OMS, a quem entregou cerca de 350 milhões de euros no ano passado.

O diretor-geral deu mostras de que essa e outras contribuições esperadas da parte dos europeus ajudam à OMS a superar a crise que Trump torcia para impor à entidade.

Biden lidera em estados que deram vitória a Trump em 2016

Quase 20 pesquisas divulgadas na quinta-feira, de quatro institutos de aferição diferentes, confirmaram que o candidato democrata Joe Biden está à frente de Donald Trump na disputa presidencial nos principais Estados “campo de batalha” – Michigan, Wisconsin, Pensilvânia, Flórida, Arizona e a Carolina do Norte – que ora votam democrata, ora votam republicano e definem a eleição.

Nacionalmente, várias pesquisas vinham dando Biden na frente por 10 pontos percentuais ou mais e a questão que se colocava era como estava em nível estadual, para evitar a triste surpresa de 2016, já que nos EUA é o Colégio Eleitoral que vale.

Foi a prevalência de Trump nesses Estados em 2016 – e assim, no colégio eleitoral – que garantiu a ele a vitória sobre Hillary Clinton, apesar dela ter 3 milhões de votos a mais no cômputo geral.

Conforme a Forbes, esses resultados favoráveis a Biden incluem agora “Estados historicamente republicanos, como Geórgia e Texas”.

Quadro que até mesmo a Fox News, rede de tvê que nutre enorme simpatia pelo presidente, não teve como ignorar, assinalando que “Trump fica atrás de Biden nos Estados campo-de-batalha chaves” com margens “significativas”.

A primeira pesquisa a alardear que Trump estava atrás nesses Estados foi a do New York Times/Siena College, que revelou Biden à frente por 47% a 36% em Michigan, 49% a 38% em Wisconsin, 50% a 40% na Pensilvânia, 47% a 41% na Flórida, 48% a 41% no Arizona e 49% a 40% na Carolina do Norte.

Em 2016, Trump surpreendeu Hillary exatamente aí. Ele venceu Michigan, Wisconsin e Pensilvânia por menos de 1 ponto percentual cada. Na Flórida, ficou na frente por cerca de 1 ponto e, no Arizona e na Carolina do Norte, por cerca de 4 pontos.

A pesquisa Times/Siena entrevistou 3.870 eleitores registrados na Pensilvânia, Michigan, Flórida, Arizona, Wisconsin e Carolina do Norte de 8 a 18 de junho. A margem de erro para cada Estado variou de mais ou menos 4,1 a 4,6 pontos percentuais.

Biden lidera por até 18 pontos em Michigan em uma pesquisa da empresa repu-

blicana Hodas & Associates, que também o colocou em vantagem de 16 pontos em Wisconsin e de 12 pontos na Pensilvânia, registra a Fortune.

Resultados quase idênticos foram mostrados por pesquisas da Redfield & Wilton, com Biden liderando por 11 pontos em Michigan, 10 pontos na Pensilvânia, 9 pontos em Wisconsin, 6 pontos na Carolina do Norte e 4 pontos no Arizona e Wisconsin.

‘RESULTADOS CHOCANTES’

Mas – destaca a Fortune – foram as pesquisas da Fox News de Estados tipicamente republicanos que produziram “os resultados mais chocantes”, com Biden à frente “por 9 pontos na Flórida, 2 pontos na Carolina do Norte e Geórgia e 1 ponto no Texas, que votou em Trump por 8 pontos em 2016”.

Na análise de CNN, em média Biden “lidera por 9 pontos nesses seis Estados”, que haviam sido levados por Trump em 2016 por uma vantagem média de “2 pontos”.

O que – observa – representa “um movimento de 11 pontos na direção de Biden” a partir da linha base de 2016. “Isso é semelhante à média das pesquisas estaduais que vimos desde os protestos contra a brutalidade policial e o racismo após a morte de George Floyd”.

Como alertou a CNN, ainda faltam quatro meses para as urnas, “então há tempo para as coisas mudarem”.

“Mas, por enquanto, Biden está significativamente acima nos Estados mais propensos a definir o resultado da eleição de 2020, incluindo o Estado crucial de Wisconsin”, cujo eleitorado de brancos sem diploma universitário é especialmente visado pela demagogia de Trump.

Para esse Estado, as pesquisas New York Times/Siena College e Fox/Marquette University mostram a mesma tendência.

Biden, segundo a Fox/ Marquette, lidera em Wisconsin com 9 pontos de frente sobre Trump. Na média das três pesquisas, ele tem vantagem de 10 pontos.

Isso, assinala a CNN, é uma “mudança significativa” em favor de Biden, já que na média das pesquisas anteriores ele estava 4 pontos na frente.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

Mississippi aprova retirar emblema escravagista da bandeira do Estado

Em decisão histórica, o Senado do Mississippi aprovou no domingo (28), por 37 votos a 14, a retirada de um emblema confederado de sua bandeira, símbolo do passado escravagista e segregacionista dos EUA. O presidente dos confederados, Jefferson Davis, era do Mississippi e o Estado é o último que ainda mantinha em sua bandeira o símbolo dos senhores de escravos.

A decisão é mais uma vitória da revolta de costa a costa contra o racismo, desencadeada pelo linchamento do cidadão negro George Floyd por um policial racista. Na Câmara dos deputados, a mudança foi endossada por 91 a 23.

Os Confederados queriam manter pela eternidade a escravidão na América e foram à guerra civil contra o governo do grande Abraham Lincoln. Uma comissão irá criar uma nova bandeira sem o símbolo racista, que será votada nas



Símbolo dos confederados, defensores do regime escravocrata, sairá do estandarte do estado sulista

eleições de 3 de novembro. O governador republicano Tate Reeves afirmou que iria sancionar a lei da mudança do estandarte. O pavilhão racista havia sido confirmado em 2001 em plebiscito, numa reiteração do célebre observação do escritor William Falkner de que seu Estado natal, o Mississippi, era o “lugar onde o passado nunca morre”. 38% da população do Estado é negra.

A bandeira do Mississippi foi criada em 1894, quase 30 anos depois do fim da Guerra de Secessão, no período da imposição das leis Jim Crow, que institucionalizaram a segregação racial. Dois anos depois, a Suprema Corte dos EUA consideraria “constitucional” o apartheid, o que só foi revogado na década de 1960 graças às lutas pelos direitos civis encabeçadas por Martin Luther King e Malcom X.

A República e a formação do caráter nacional - (12)

Continuação da edição anterior - Final

Todo o material explosivo que se acumulara desde a Guerra do Paraguai – e mesmo antes, com a quebra econômica de 1864 – extravasaria na erupção que se chamou Proclamação da República - (final)

CARLOS LOPES

Em relação a Deodoro, a monarquia não seria tão leve quanto, provavelmente, pensou Júlio de Castilhos ao escrever o artigo que citamos (v. **A República e a formação do caráter nacional** (11)).

O marechal, membro do Partido Conservador, fora nomeado, pelo Gabinete do barão de Cotegipe, além de Comandante das Armas, presidente da província do Rio Grande do Sul – isto é, acumulava o governo civil com a administração militar, tal como Caxias em 1842.

Por isso, é o próprio presidente do Conselho de Ministros quem lhe escreve. Diz Cotegipe que “*há exploração política*” entre os militares: “*Vossa excelência, como o primeiro dos militares da Província, e responsável pela disciplina, podia e pode representar e pedir explicações. Recomento a vossa excelência, como comandante das armas exercendo a presidência, empregue sua autoridade e influência para pôr termo a essa agitação dos espíritos. Aguardo comunicação oficial do ocorrido, cujos pormenores o governo ignora*”.

A comunicação de Deodoro veio mais cedo do que Cotegipe esperava. Mas não foi **a que ele esperava**. Trata-se de um dos documentos mais importantes da História do país:

“Não há exploração política, nem exaltação de ânimos. Todos os oficiais gerais e outros se mostram muito sentidos, inclusive eu, com a nova e vexatória imposição de os privar de pronta e imediata defesa, e têm para isso sobeja razão. Todos reconhecem, porque são disciplinados, a conveniência da judiciosa proibição de discussões pela imprensa sobre fatos de qualquer natureza, mesmo particular, que envolvam superiores. Ser, porém, privado e punido por discussões com pessoas alheias à classe e que não estejam revestidas de caráter superior pelo mando administrativo, é duro, humilhante e prejudicial. Peço a leitura do meu ofício de 3 de setembro ao ajudante-general. Justa é a dor pela imposição com que querem amesquinhar o Exército, sempre subordinado e sempre pronto. Sofre o que tem o calo pisado e não aquele que pisa. Se, como presidente e comandante das armas, tenho deveres, como soldado ofendido pela ingratidão para com a classe também os tenho, porque assim o exige a disciplina, moralidade e o brio dos soldados que defendem a monarquia. Afianço a vossa excelência que há calma e afianço, também, que será uma desgraça a imposição ilegal com que se quer oprimir o Exército. A corporação militar da Província deposita em mim, como seu intérprete, suas justas queixas e pede o valimento de vossa excelência.”

A reação de Cotegipe – enquanto os oficiais e cadetes no Rio, liderados por Benjamim Constant, apoiavam, em manifesto, os militares do Sul – foi destituir Deodoro da

presidência do Rio Grande do Sul e acusá-lo de permitir a “indisciplina”.

A resposta de Deodoro: “O tema em questão é *‘reuniões indisciplinadas – tumultuosas – sediciosas – por parte dos militares’* [Deodoro cita o ofício de Cotegipe].

“Se bem que houvesse, pelas forçosas e especiais circunstâncias, justo motivo para reuniões assim qualificadas, todavia os militares, por disciplinados e criteriosos, bem patentearam os seguintes atributos característicos dos soldados – união fraternal, ordem, respeito, calma, firmeza e amenidade – e limitaram-se, como lhes cumpria pelo assentimento, a uma reunião pacífica, sem discussões, com o fim de pedirem providências sobre os seus direitos.

“Houve motivo para tumultuosas reuniões, porque os militares não podem, nem devem, estar sujeitos a ofensas e insultos de Francos de Sá e de Simplícios [o deputado que atacara o coronel Cunha Matos], cuja imunidade não os autoriza a dirigir insultos, nem os isenta de precisa e conveniente resposta.

“E que houve, Exmo. Sr., por causa desses insultos dirigidos por eles contra os militares?

“Por parte do governo, permita-me V. Ex.^a dizer, muita consideração aos insultantes, e assim, não só aprovou os insultos, como foi além – ofendeu ainda mais, com pública repreensão, para conhecimento do mundo, a um velho servidor, homem criterioso, homem decente, homem correto e homem distinto, somente por satisfação a quem nenhuma autoridade tinha sobre militares!

“Achará V. Ex.^a nisso coisa de pouca monta?

“Não será amesquinhar-se o Exército; tirar-se-lhe o brio, a dignidade e o amor próprio, requisitos esses sem os quais não haverá soldados, mas sim vis e desprezíveis escravos?

“Por parte do Exército – uma reunião calma, respeitosa e pacífica pedindo a reparação de direitos violados e da dignidade ofendida. A ferida foi forte, cruel e mortal e com justa razão sangrará enquanto Madureira e Cunha Matos estiverem sob a pressão da injustiça de que foram vítimas.

“Transcrevo o seguinte trecho da carta de V. Ex.^a – *‘Hoje protesta-se contra atos da primeira autoridade militar; que é o ministro da Guerra; amanhã protestar-se-á contra os dos chefes, ou sejam gerais ou comandantes de corpos, teremos, portanto, um Exército deliberante, o que é incompatível com a liberdade civil da Nação’*.

“Assim parece, Exmo. Sr., em teoria, mas, condicionalmente, não na prática.

“E por que a sugestão que motivou a matéria desse trecho?

“Por uma coisa que não lhe tem completa aplicação. Pelos repetidos fatos, Exmo. Sr., tendentes à humilhação da classe pelo seu enfraquecimento moral, para o que hoje ofende-se gravemente, sem motivo para isso, a um oficial superior, amanhã ofender-se-á um brigadeiro e depois os da última patente e assim



Juramento da primeira Constituição republicana: Deodoro, Floriano, Prudente de Moraes (quadro de Aurélio de Figueiredo, óleo sobre tela, Museu da República)

conseguir-se-á aquilo que é notório, que é sabido desde muitos anos.

“Se ainda vivesse Caxias fatos de tal natureza certamente não se dariam.

“E o que motivou o castigo a dois oficiais superiores, ambos bem conceituados? A repulsa que fizeram aos insultos de um deputado e de um senador! Foi o quanto bastou.

“Não teremos, Exmo. Sr., Exército deliberante e assim incompatível com a liberdade civil da Nação, nem V. Ex.^a quererá Exército desbriado e assim fácil à ação de qualquer especulador para atirá-lo contra a liberdade civil da Nação.

“Acredito que, pela amizade e dedicação de meus camaradas, teria força moral para conter impaciências; mas também acredito que o meu valimento não seria de tal ordem, nem o governo tão condescendente, que com facilidade obtivesse a nulificação dos castigos injustamente infligidos aos dois oficiais.

“A política não influiu nem interveio na questão – toda especial e militar – cuja classe nada tem com o que estranhos dizem e escrevem. O Exército é o que sempre foi – leal e subordinado -: não cuida de política e tem em vista, antes de tudo e por tudo, a grandeza da pátria, e o que mais é – quando ela sujeita à sorte das armas.

“Muito se fala em Exército, em disciplina, em patriotismo; e se bem que, competentemente, disso se trata no parlamento, todavia entre seus membros figuraram, infelizmente, vultos que, sem a faculdade de distinguir simples datas, se metem a questionadores, julgando-se bons censores e melhores legisladores; verdade é que, para maior glória, fi-

carão seus feitos perpetuados nos respectivos anais.

“E falam em Exército e em disciplina!

“Sabe precisamente o que é Exército, o que é disciplina, somente aquele que pertence às suas fileiras; aquele que compartilha de seus duros e rigorosos sacrifícios; aquele que toma parte ativa em suas glórias; aquele, enfim, que esquece mãe, mulher e filhos para lembrar-se, dentro das fileiras militares, somente da Pátria e que para felicidade dela oferece o corpo ao ferro inimigo. Sabe precisamente o que é disciplina militar somente aquele que, no horrível do combate, tem a responsabilidade – a mais elevada, a mais difícil – a incompreensível – que é a do soldado; e se a este faltar brio, dignidade e amor pátrio o que restará? Vis e cobardes escravos vergonhosamente surrados!

“Se a sorte determinar o rebaixamento da classe militar, no dia em que eu desconfiar que na frente de soldados não passarei de um comandante superior da Guarda Nacional – especial – e simples vulto político, quebraria minha espada, e, envergonhado, iria procurar, como meio de vida, a exemplo de muitos, uma cadeira de deputado para também poder insultar a quem quer que seja.

“Sou eu o único culpado de toda questão atualmente levantada, porque se, em março de 1884, quando o Sr. Franco de Sá, assumindo a direção dos Negócios da Guerra, ofendeu brutalmente os oficiais, na ocasião da apresentação, com grosseiras alusões a Apulcro de Castro, não tivesse abafado o calor dos oficiais consequente da injúria que lhes foi lançada em rosto, privando assim

de levar-se a efeito a bem merecida repulsa, certamente ele, no parlamento, não daria motivo para os fatos que hoje tanto incomodam o Exército.

“Concluindo, Exmo. Sr., direi: é fora de toda dúvida que os oficiais, ao primeiro insulto, ultimamente dado, tiveram resignação tal que foram sopitados seus sentimentos de dor; que calaram-se ao segundo, convictos de que outra reclamação não seria aceita, importaria em baixa e dariam a mais exuberante prova de que abandonaram o companheiro distinto, o digno irmão, no campo de batalha, onde difícil é a proteção, como o abandonaram na paz, deixando-o só e entregue aos embates da injustiça e da perseguição. “E é, Exmo. Sr., o governo do Brasil que, às glórias de ter, com o máximo sacrifício de dinheiro e sangue, libertado um povo que gemia por causa da própria inação e tirania de seu chefe, quer hoje juntar o ato inglório de escravizar homens ilustres, – seus concidadãos, – aos destemperos e fatuidades de Simplícios, cujos sentimentos, pelas galas do poder, fizeram explosão, ferindo a quem tinha direito incontestável ao respeito; é, porém, verdade que a farda brasileira do soldado torna-o imérito da paz.

“Pelo que fica expendido, conhecerá V. Ex.^a que prefiro ser desagradável levado pela verdade do que agradável pela reserva ou mentira: são os sentimentos de quem, com a maior consideração e subido respeito, é –

De V. Ex.^a At.^o e Ven.^or. Am.^o e Cr.^o Obr.^o – Deodoro” (NOTA: A divisão em parágrafos é nossa).

Esta carta é de 16 de no-



vembro de 1886, três anos antes da Proclamação da República.

Enquanto essa ebulição tomava o país, onde estavam os monarquistas?

O conde **de** Afonso Celso tem merecido nos últimos tempos alguma atenção acadêmica (o título do conde é da quase extinta, hoje, nobreza do Vaticano; foi concedido pelo Papa Pio X em 1905; ao contrário de seu pai, que foi enobrecido por Pedro II, com o título de visconde de Ouro Preto, no apagar das poucas luzes da monarquia).

Na década de 60 do século passado, quando o autor destas linhas era adolescente, Afonso Celso era lembrado apenas por um livro perfeitamente ridículo, “**Por que me ufano de meu país**”, que tem tanto a ver com o patriotismo quanto o puxassiquismo baboso tem a ver com a verdadeira admiração.

Os capítulos mais engraçados desse livro são aqueles sobre os elementos que formaram o povo brasileiro – o **sexto** motivo, segundo o conde **de** Afonso Celso, da “superioridade do Brasil”.

O índios eram “*bondosos, serviçais, confiantes, sociáveis*”; os negros africanos, que foram “*importados desde os primeiros tempos do descobrimento*” (sic), ficaram tão entusiasmados com a própria importação, que “*contribuíram tantos serviços para que no Brasil jamais houvesse preconceito de cor*”.

O “preconceito de cor”, portanto, é um problema da conduta dos negros. A sorte deles é que se comportaram bem...

Quanto aos brancos, “*onde quer que os portugueses fixem domicílio, na Ásia, na África, na Oceania, dão belos exemplos de união, patriotismo, amor ao trabalho, filantropia; elevam monumentos à caridade e à instrução. Em parte nenhuma é infecunda a sua passagem*”.

A vida de Afonso Celso (**Júnior**) foi uma coleção de poses. Filho do último presidente do Conselho de Ministros da monarquia – e eleito deputado aos 22 anos, como ele mesmo esclarece, às custas do pai – jamais os republicanos levaram a sério as suas supostas tendências republicanas, manifestadas **sob a monarquia**.

Mesmo assim, é necessário perguntar por que ele escolheu o republicanismo para fazer pose, antes da Proclamação da República; logo ele, filho de um dos principais – e mais desastrosos, desde a Revolta do Vintém, em 1880 – políticos da monarquia (v. **O nascimento da República e os jabutis em cima das árvores**; e, também, **A revolta dos escravos e o fim do Império**).

A resposta nos parece ser a de que tornou-se impossível, até para os monarquistas, defender a monarquia – o que, até maio de 1888, significava defender, também, a escravidão.

Certamente, havia alguns trogloditas, que a defendiam; mas Afonso Celso (Júnior) pretendia-se um homem refinado...

Continua no site